

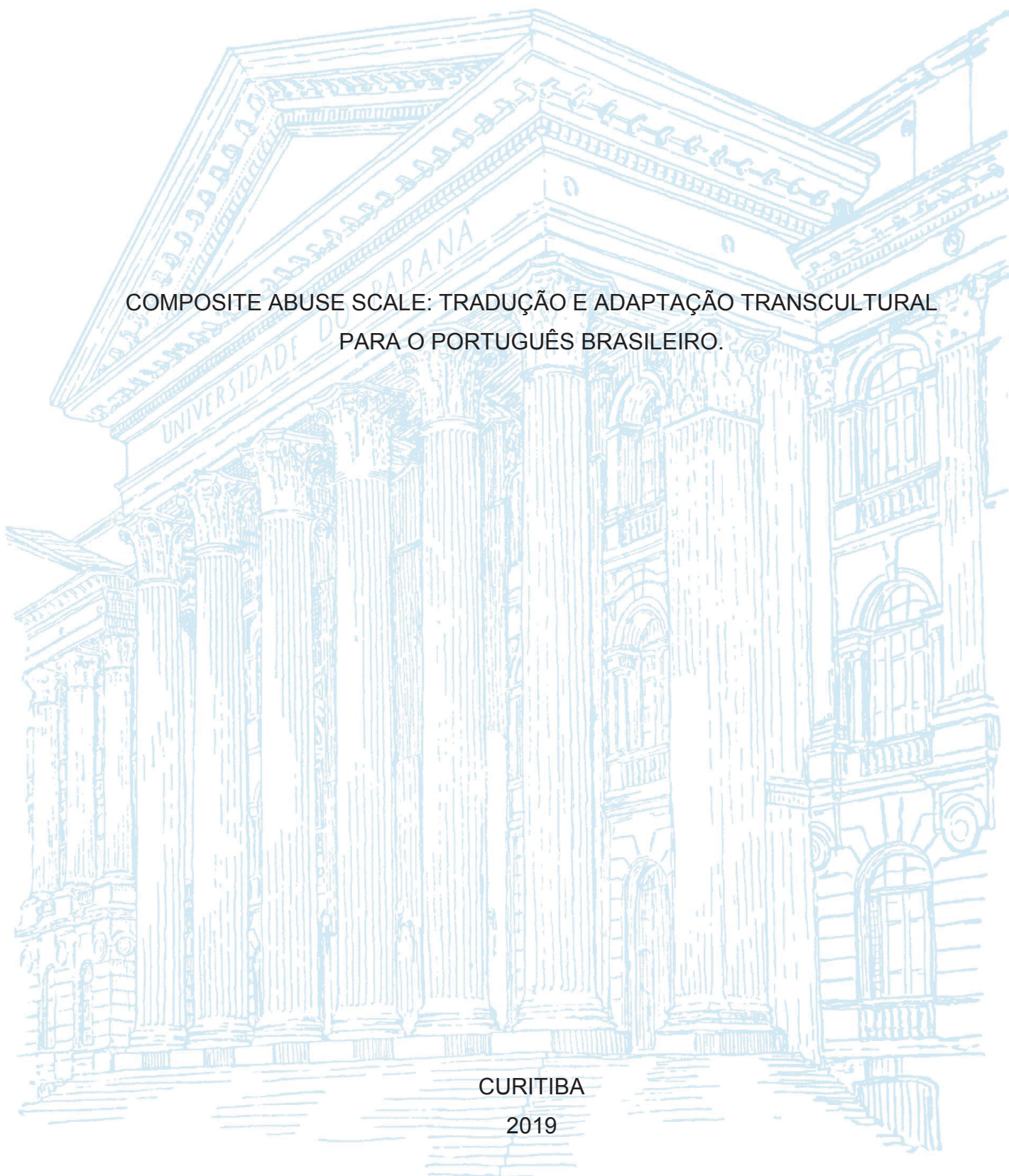
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAÍZA WALLACE GUIMARÃES DA ROCHA

COMPOSITE ABUSE SCALE: TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.

CURITIBA

2019



COMPOSITE ABUSE SCALE: TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL
PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Claudio Signorelli

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Canavese de Oliveira

CURITIBA

2019

R672 Rocha, Raíza Wallace Guimarães da.
Composite Abuse Scale : tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro [recurso eletrônico] / Raíza Wallace Guimarães da Rocha. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Claudio Signorelli

Coorientador: Prof. Dr. Daniel Canavese de Oliveira

1. Violência contra a mulher. 2. Violência por parceiro íntimo.
3. Abuso físico. I. Signorelli, Marcos Claudio. II. Oliveira, Daniel Canavese de. III. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná.
IV. Título.

NLMC: W 795



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SAÚDE COLETIVA -
40001016103P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SAÚDE COLETIVA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **RAÍZA WALLACE GUIMARÃES DA ROCHA** intitulada: **Composite Abuse Scale: tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro**, sob orientação do Prof. Dr. **MARCOS CLÁUDIO SIGNORELLI**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **Aprovação** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 18 de Outubro de 2019.

MARCOS CLÁUDIO SIGNORELLI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

SOLENA ZIEMER KUSMA FIDALSKI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

NADIA TEREZINHA COVOLAN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho à todas as mulheres. Que ele seja mais um tijolo na construção da nossa milenar resistência. Nós por nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às mulheres negras que vieram antes de mim e possibilitaram com que hoje eu faça parte do corpo docente de uma universidade pública federal. E que permitem com que eu sonhe em ocupar outros espaços, que há séculos nos vem sendo negados.

Ao meu orientador e co-orientador que foram fundamentais no meu processo de formação e na construção desse trabalho. Agradeço pela oportunidade que me deram de ingressar no mestrado, desenvolver esta pesquisa e por compreenderem as minhas limitações e potenciais. Obrigada pelas leituras compartilhadas, pelas pessoas às quais me apresentaram e reflexões despertadas.

Agradeço à Casa da Mulher Brasileira e às participantes da pesquisa (usuárias, profissionais, tradutores(a), especialistas e autora do instrumento) por acreditarem nesse projeto e nos auxiliarem de maneira gratuita à concretizá-lo.

Às minhas e meus colegas do mestrado pelos momentos compartilhados, sejam de estudos ou de lazer, em especial à Richelliany e à Mauren, que foram o colo amigo nos dias difíceis e as risadas nos dias leves.

Aos meus professores e professoras que se propuseram a tornar nossos dias em sala de aula um espaço de troca, aprendizagem e respeito mútuo. Vocês não imaginam a força que nos deram para seguir o caminho que escolhemos.

Agradeço às professoras Solena Kusma Fidalski e Nadia Terezinha Covolan pela disponibilidade de ler, refletir e contribuir com essa pesquisa. Por aceitarem serem banca avaliadora nesse processo de titulação de mestrado em Saúde Coletiva. E por essa postura respeitosa, mesmo diante das nossas discordâncias teóricas.

À minha analista, Nohemi, que me convenceu de que finalizar esse ciclo seria um ato de rebeldia e resistência.

E, por fim, agradeço à todas as pessoas que me apoiaram nessa trajetória. Sem vocês eu não teria condições materiais e emocionais para concluir este processo. Em especial ao Yuri Cavalcante, Maria Cavalcante e Selma Lima pelo amor, confiança e auxílio.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

Conceição Evaristo

RESUMO

O Brasil é um país que registra grande prevalência de violência contra mulheres, sendo o país com a 5ª maior taxa de feminicídio do mundo. Há poucos instrumentos no país e em língua portuguesa para a identificação de violência por parceiro íntimo (VPI). Atualmente há somente o Abuse Assessment Screen, Conflict Tactics from R, Revised Conflict Tactics Scales 2 e o WHO VAW Study. No entanto estes apresentam limitações no que diz respeito à abrangência do conceito de VPI, subtipos de violência e aferição da frequência com que ela ocorre. Por outro lado, a *Composite Abuse Scale* (CAS) é um instrumento que além de identificar, apresenta a frequência e a tipificação da VPI. Esta pesquisa se propôs a realizar a tradução e adaptação transcultural da CAS para o português brasileiro, levando em consideração a equivalência idiomática, semântica e experimental. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de tradução e adaptação transcultural do instrumento CAS para o português brasileiro, que tem como objetivo identificar a VPI e quantificar a frequência e severidade, bem como classificar os tipos de violência sofridos. Inicialmente realizamos um pesquisa em bases de dados para definir um protocolo de tradução e adaptação transcultural. Adotamos como passos metodológicos para o desenvolvimento desta os seguintes estágios: 1) Análise conceitual do instrumento; 2) Tradução para o português brasileiro; 3) Retrotradução da versão consolidada em português para o inglês; 4) Análise da retrotradução pela desenvolvedora; 5) Comitê de revisão do documento, formado por especialistas na temática; 6) Entrevistas Cognitivas com profissionais e mulheres em situação de VPI vinculadas à Casa da Mulher Brasileira de Curitiba; e 7) Apresentação da versão final. Durante o processo de tradução e adaptação transcultural precisamos fazer algumas modificações no instrumento na versão brasileira. Ao longo das etapas, os participantes fizeram algumas recomendações, como: modificar a linguagem culta do instrumento e colocá-lo em uma linguagem mais acessível a pessoas com qualquer nível de alfabetização; atualizar para o contexto em que a comunicação das pessoas se dá, incluindo também através das redes sociais e e-mail; formular as perguntas enfatizando que as ações foram contra a vontade das mulheres. Além disso, também vimos a necessidade de substituir algumas palavras que existiam no inglês, mas não no português brasileiro, por palavras com significado semelhante. Como resultado final, o instrumento na versão brasileira permaneceu com 7 perguntas introdutórias e 30 de avaliação da frequência e do tipo de violência sofrida, conforme o instrumento original. Também foram respeitadas as pontuações para identificar a frequência da violência ocorrida em uma escala com variação de 0 à 5

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo. Tradução. Adaptação Transcultural. Composite Abuse Scale.

ABSTRACT

Brazil is a country with a high prevalence of violence against women, being the country with the 5th highest rate of femicide in the world. There are few instruments in the country and in the Portuguese language for the identification of intimate partner violence (IPV). There are currently only the Abuse Assessment Screen, Conflict Tactics from R, Revised Conflict Tactics Scales 2, and the WHO VAW Study. However, they have limitations regarding the scope of the concept of IPV, subtypes of violence and measurement of the frequency with which it occurs. On the other hand, the Composite Abuse Scale (CAS) is an instrument that, besides identifying, presents the frequency and typification of IPV. This research aimed to perform the translation and cross-cultural adaptation of CAS to Brazilian Portuguese, taking into account the idiomatic, semantic and experimental equivalence. Methodologically, it is a research of translation and cross-cultural adaptation of the CAS instrument to Brazilian Portuguese, which aims to identify IPV and quantify the frequency and severity, as well as classify the types of violence suffered. Initially we conducted a database search to define a protocol for translation and cross-cultural adaptation. We adopted as methodological steps for the development of this the following stages: 1) Conceptual analysis of the instrument; 2) Translation into Brazilian Portuguese; 3) Back translation of the Portuguese consolidated version into English; 4) Analysis of back translation by the developer; 5) Document review committee, made up of specialists in the subject; 6) Cognitive Interviews with professionals and women in situations of IPV linked to the Brazilian Women's House of Curitiba; and 7) Presentation of the final version. During the process of translation and cross-cultural adaptation we need to make some modifications to the instrument in the Brazilian version. Throughout the steps, participants made some recommendations, such as: modifying the instrument's cultured language and placing it in a language more accessible to people with any level of literacy; update to the context in which people communicate, including also through social networks and email; formulate the questions emphasizing that the actions were against the will of women. In addition, we also saw the need to replace some words that existed in English, but not in Brazilian Portuguese, with words with similar meaning. As a final result, the instrument in the Brazilian version remained with 7 introductory questions and 30 questions about the frequency and type of violence suffered, according to the original instrument. The scores to identify the frequency of violence on a scale ranging from 0 to 5 were also respected.

Keywords: Intimate Partner Violence. Translation. Transcultural adaptation.
Composite Abuse Scale

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena do Filme E o vento levou	17
Figura 2 - Fluxograma do Protocolo de Tradução e Adaptação Transcultural	48

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Representação gráfica da Raça ou Cor das participantes do Estágio V	74
GRÁFICO 2 - Representação gráfica a respeito da sexualidade das participantes do Estágio V.....	74
GRÁFICO 3 - Representação gráfica da renda familiar das participantes do Estágio V.....	75
GRÁFICO 4 - Representação gráfica da escolaridade das participantes do Estágio V da pesquisa.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos de Tradução e Adaptação Transcultural de instrumentos na área de violência por parceiro íntimo. Curitiba, PR, 2018.	45
Quadro 2 - Versão original do CAS, opções de resposta dos tradutores iniciais, decisão do consenso, retrotradução. Curitiba, PR, 2018.	59
Quadro 3 - Perfil dos participantes do Estágio 4: Etapa de Especialistas	66
Quadro 4 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS	67
Quadro 5 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS	68
Quadro 6 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS	69
Quadro 7 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS	69

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AAS - Abuse Assessment Screen

CAS - Composite Abuse Scale

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná

CMB - Casa da Mulher Brasileira de Curitiba

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CTS1 - Conflict Tactics Scales Form-R

CTS2 - Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)

LBT+ - Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travestis +

OMS – Organização Mundial da Saúde

SINAN - Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan)

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPR - Universidade Federal do Paraná

VPI - Violência por Parceiro Íntimo

WHO VAW Study - World Health Organization Violence Against Women Study

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 JUSTIFICATIVA.....	21
1.2 OBJETIVOS.....	27
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	27
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	27
REVISÃO DE LITERATURA.....	28
1.3 GÊNERO	28
1.4 FEMINISMOS.....	29
1.5 VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES.....	33
1.6 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL.....	36
2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DAS CARACTERÍSTICAS BIOPSISSOCIAIS DAS MULHERES PARTICIPANTES DO ESTÁGIO V DA PESQUISA.....	94
APÊNDICE 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP - UFPR	96
APÊNDICE 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE CURITIBA - SMS.....	96
APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – COMITÊ DE REVISÃO DO DOCUMENTO	98
APÊNDICE 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA PARTICIPANTES ATENDIDAS NA CASA DA MULHER BRASILEIRA.....	100
APÊNDICE 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA PARTICIPANTES PROFISSIONAIS DA CASA DA MULHER BRASILEIRA.....	103
APÊNDICE 7 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA TRADUTORES DA PESQUISA.....	104
APÊNDICE 8 - INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO SEMÂNTICA, IDIOMÁTICA E CONCEITUAL DA VERSÃO TRADUZIDA DO CAS POR ESPECIALISTAS.	107
APÊNDICE 9 -TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA PARTICIPANTES DA ETAPA DE TRADUÇÃO E REVISÃO DO DOCUMENTO POR ESPECIALISTAS DO	

INSTRUMENTO COMPOSITE ABUSE SCALE TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	110
APÊNDICE 10 - ESTÁGIO 2 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO (T1 E T2).	111
APÊNDICE 11 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE SÍNTESE DAS TRADUÇÕES.....	115
APÊNDICE 12 - ESTÁGIO 3 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE RETROTRADUÇÃO (R1).....	117
APÊNDICE 13 - ESTÁGIO 4 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE REVISÃO DO INSTRUMENTO PELO COMITÊ DOS ESPECIALISTAS.	122
APÊNDICE 14 - ESTÁGIO V - INSTRUMENTO UTILIZADO NO PROCESSO DE ENTREVISTA COGNITIVA.	128
APÊNDICE 15 - COMPOSITE ABUSE SCALE – PORTGUÊS BRASILEIRO.....	131
ANEXO 1 – APROVAÇÃO DE TRABALHO NA 6TH GLOBAL CONFERENCE ON VIOLENCE AGAINST WOMEN	136
ANEXO 2 – CERTIFICADO DE TRABALHO APRESENTADO NO VIII CONGRESO IBERO AMERICANO DE INVESTIGACION CUALITATIVA EN SALUD	137
ANEXO 3 – APROVAÇÃO DE TRABALHO NO II ENCONTRO DE PESQUISA POR/DE/SOBBRE MULHERES.....	138

1 INTRODUÇÃO

LUGAR DE FALA: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO, FEMINISMO E VIOLÊNCIA.

Figura 1 - Cena do Filme E o vento levou



Fonte: E o vento levou (1939)

Início esta dissertação colocando-me como sujeito ativo desta e tentando sensibilizar o leitor ou leitora para a temática, além de explicar meu local de fala e o que me motivou a conduzir esta pesquisa. Como você deve saber, a ciência não é neutra e, portanto, considero honesto que você conheça sob qual perspectiva esta pesquisa foi desenvolvida.

Fiz a minha graduação em Terapia Ocupacional, na Universidade da Amazônia, em Belém do Pará, e lá sempre estive envolvida em discussões e projetos relacionados ao feminismo, violências de gênero e os impactos dessas violências na vida das mulheres.

Ao terminar a graduação cheguei à conclusão de que eu deveria fazer Residência, pois mesmo querendo ser professora universitária, acreditava que a prática clínica permitiria que eu pudesse ter acesso à experiências importantes na minha construção profissional e talvez eu pudesse ser uma professora com experiências que pudessem auxiliar os alunos em suas demandas práticas.

Decidi então fazer a Residência em Contexto Hospitalar do Hospital de Clínicas da UFPR, com a especialidade em Saúde da Mulher, pois os estudos de gênero despertam em mim muitas inquietações, reflexões e desafios desde quando iniciei a minha primeira graduação (Letras). Durante a residência tive contato com mulheres em diversos contextos de adoecimento, muitos deles decorrentes da violência, principalmente psicológica e sexual. Diariamente, durante 60h por

semana, eu conhecia histórias que só fortaleciam em mim a certeza de que as violências são frequentes e devastadoras para a saúde das mulheres.

Cotidianamente, enquanto residente, me deparava com as limitações das políticas de proteção às mulheres, como as políticas de assistência social e de saúde. O que despertou em mim a vontade de continuar meus estudos nessa área, a fim de desenvolver tecnologias de apoio às mulheres vítimas de violência.

Ao finalizar a residência estudei as possibilidades de mestrado e de orientador(a) que tivesse interesses acadêmicos semelhantes aos meus. Que pesquisasse sobre gênero não entendendo a mulher apenas como um ser humano de engravida, mas que voltassem seus estudos e pesquisa levando em consideração a complexidade do que é ser mulher pra além da gravidez.

Então, encontrei o currículo lattes do Marcos que posteriormente tornou-se meu orientador e sugeriu que eu o auxiliasse a trazer para o Brasil a *Composite Abuse Scale*, fazendo uma tradução e adaptação transcultural. Foi assim que cheguei a esse tema. Um presente e desafio dado pelo meu orientador.

Nessa trajetória de pesquisa ganhei do meu co-orientador (Daniel) um livro muito importante para mim, do Franz Fanon, que me despertou para muitas coisas importantes a respeito do racismo e decolonialidade.

Tivemos alguns encontros para orientações e muitos diálogos em que meu co-orientador chamou a minha atenção para algumas questões como, não reproduzir o apagamento da intelectualidade das pesquisadoras negras ou ignorar os dados alarmantes de como a violência atinge de maneira diferente as mulheres negras, lésbicas, bissexuais ou transexuais. Hoje eu entendo que ele estava me auxiliando a, como diria Franz Fanon, não vestir uma máscara branca para me adequar.

Dessa maneira, ao longo desta dissertação, você perceberá as influências de todos esses elementos que citei anteriormente. E que ela foi escrita por uma pesquisadora negra, que pensa e interpreta a sociedade a partir da perspectiva de que esta é permeada estruturalmente por desigualdades raciais, como diria o artigo do Dr. Adilson J. Moreira “Pensando como um negro”(2017).

Nesse trabalho trataremos as questões de gênero e violência majoritariamente pela perspectiva das teóricas negras Jurema Wenerck, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Angela Davis, Kimberlé Crenshaw, Luiza Bairros e Patrícia Hill Collins. Não queremos com isso negar a importância e contribuição de autoras como

Joan Scott, Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Heleieth Saffioti, dentre outras para a discussão de gênero e violência. Mas acreditamos que é importante dar voz às teóricas negras, que não discutem gênero por uma visão euro centrada e/ou branca e sim por uma perspectiva interseccional. De maneira que consigamos, neste trabalho, discutir gênero e violência por outras lentes, não reproduzindo o silenciamento e negação das contribuições das teóricas negras, prática comum no mundo científico.

Essa perspectiva é necessária para esta pesquisa, porque não pretendemos apenas traduzir um instrumento que foi criado em um país considerado desenvolvido, que tem como língua materna o inglês e é majoritariamente branco. Mas sim adaptá-lo transculturalmente ao nosso cenário, considerando a diversidade das mulheres brasileiras.

Iniciamos este capítulo apontando nosso lugar de fala, a interseccionalidade, nos colocando como parte dos pesquisadores e pesquisadoras que afirmam não existir neutralidade da ciência. Jurema Werneck (2018) é uma das autoras que nos dão suporte teórico nesta constatação. Segundo ela, a ciência está sob influência de fatores ideológicos, econômicos, sociais, ambientais, políticos e tecnológicos. Assim, ela se desenvolve na relação entre pessoas, é dependente financeiramente de governos ou corporações, está sob influência da cultura midiática, ou seja, é demasiadamente humana.

Reforçando essa compreensão, Pierre Bourdieu (1994), no seu texto “O campo científico”, aponta para a reflexão de que a ideia de uma ciência neutra, é uma ficção. E que esse universo da ciência é um campo social como os demais, com interesses, monopólios, lutas e estratégias.

Assim como Bourdieu, Djamila Ribeiro (2018), em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, em consonância com essas reflexões, diz que nada é isento de ideologia e que nosso ponto de partida, o nosso falar disso, nos permite refutar o modelo da hierarquização de saberes, tendo as teorias de autores brancos como universais e pensar outros mais plurais e democráticos.

Por isso achamos importante iniciar este capítulo demarcando o motivo das escolhas teóricas que fizemos e apontar que é sob a ótica da interseccionalidade que pretendemos desenvolver esta pesquisa.

Nesse sentido Ângela Davis (2011) nos propõe a reflexão sobre as intersecções das opressões:

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça também informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

Dessa maneira, propomos aqui a reflexão de que não podemos falar de gênero como se todas as pessoas, independente de gênero, raça ou classe, estivessem em condições de igualdade entre si. E nem como se existisse uma hierarquia de opressão. O que Angela Davis tenta nos explicar é que essas três categorias, gênero, raça e classe, se inter-relacionam, estão entrelaçadas.

Mas dentro desse sistema social as mulheres negras (pretas e pardas) estão na base da pirâmide econômica e são as que mais tem seus corpos atingidos pela violência. Assim, falar de gênero sob a perspectiva das mulheres negras, levando em consideração suas experiências, nos permite vislumbrar de maneira complexa o modelo de sociedade que temos e a que queremos.

Essa perspectiva de discutir gênero, raça e classe dentro do feminismo negro demanda que se apresente o conceito de interseccionalidade:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnias, classe e outras.

Kimberlé Crenshaw, 2002

Esse conceito de interseccionalidade da autora Kimberlé Crenshaw, está em acordo com as teorias da Angela Davis, Bell Hooks e Djamila Ribeiro, de que gênero, raça e classe são categorias indissociáveis e que essa visão nos permite identificar a necessidade de que precisamos romper com a estrutura patriarcal e capitalista de exploração.

Outra teórica feminista que tem análises em concordância com a Kimberlé Crenshaw é a Luiza Bairos, ao declarar que:

Raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se mutuamente formando [...] um mosaico que só pode ser entendido em sua multidimensionalidade. [...]. Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento

de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? - já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. (BAIRROS, 1995: 461).

Nos estimulando à compreensão de que um movimento feminista que não considera as experiências das mulheres não-brancas e LBT+ (Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, etc.) é limitado e que a interseccionalidade permite com que não se negue uma identidade em detrimento de outras. Ou seja, ela nos permite compreender a diversidade que existe dentro das relações de gênero e poder.

1.1 JUSTIFICATIVA

A OMS (2014) avalia que a violência por parceiro íntimo é evitável. Segundo este relatório da OMS, uma das ações com potencial para reduzir a violência por parceiro íntimo está em criar programas de atendimento às vítimas que incluam identificação e cuidados.

Diante desse cenário, percebemos a importância de criar instrumentos que sejam capazes de auxiliar na identificação da violência por parceiro íntimo, como uma das etapas de prevenção de agravamento desta, que pode evoluir para o feminicídio.

Para a criação, tradução, adaptação transcultural e validação é importante que sejam criados protocolos que permitam a visualização do passo-a-passo desses processos, para que mais pesquisas com metodologias semelhantes possam ser realizadas e provando o nível de confiabilidade científica do instrumento.

No Brasil nós temos traduzidos quatro instrumentos que identificam violência por parceiro íntimo e um deles é validado. São eles: Abuse Assessment Screen (REICHENHEIM; MORAES; HASSELMANN, 2000), Conflict Tactics Scales Form-R (CTS1) (MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002), Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) (MORAES, HASSELMANN, REICHENHEIM, 2002), WHO VAW Study (World Health Organization Violence Against Women Study) (SCHRAIBER *et al.*, 2010).

Abuse Assessment Screen

Esse instrumento foi originalmente desenvolvido nos EUA, em 1989, pelo Nursing Research Consortium on Violence and Abuse (McFarlane J, Parker B,

Soeken K, Bullock L, 1992). Tem como objetivo principal rastrear violência contra a mulher durante a gestação.

O instrumento possui cinco questões para identificar a frequência com que a violência ocorre e a gravidade desta. Além de incluir mapas corporais para demonstrar as áreas em que as lesões corporais foram infligidas. Segundo Parker *et al.* (1993) e Glander *et al.* (1998) O instrumento mostrou-se eficaz em detectar violência contra as gestantes, principalmente em sua primeira consulta regular para a gravidez.

No Brasil foi realizada a equivalência semântica para o português brasileiro desse instrumento. A equivalência consistiu em quatro etapas: tradução, retrotradução, apreciação formal de equivalência e análise crítica por especialistas na área temática (REICHENHEIM; MORAES; HASSELMANN, 2000).

Os autores desse artigo fizeram a autocrítica de que seria necessário adicionar uma etapa, onde a população alvo pudesse ler o instrumento, pois pode-se com isso identificar possíveis dissonâncias de significados entre a versão original e a proposta em português.

Esse instrumento se limita a realizar o rastreamento da violência apenas em mulheres grávidas. Além de que a capacidade para identificar episódios sutis de violência é baixa, já que são perguntas pouco específicas, um dos autores da versão em português da escala, em um artigo posterior, sugerem a mudança da redação da mesma (REICHENHEIM; MORAES, 2004).

Conflict Tactics Form R

O instrumento Conflict Tactics Form-R (CTS1) possui duas versões, e ambas foram traduzidas e adaptadas transculturalmente no Brasil (MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002).

Esse instrumento foi desenvolvido por Murray Strauss, em 1979, ele tinha como objetivo determinar as taxas de prevalência de abusos no âmbito familiar, sejam físicos ou psicológicos. Além disso mensura as estratégias utilizadas pelos membros da família para gerenciar conflitos e indiretamente captar situações de violência familiar (STRAUSS, 1979).

Ele é composto por questões que abordam as seguintes táticas de gerenciamento de conflito: Argumentação, Agressão verbal e Agressão Física. Como podemos perceber ao ler o instrumento, o CTS -1 não aborda questões como

coerção sexual e enfoca o abuso físico como principal forma de violência. Se mostrando assim como um instrumento com uma visão limitada do que seria violência por parceiro íntimo.

Revised Conflict Tactics Scales 2

A CTS2 foi concebida para a identificação da violência entre pessoas que tenham uma relação íntima (namoro, casamento ou afins). É uma escala estruturada, contém 78 itens, que descrevem possíveis ações da pessoa que está respondendo a escala e, reciprocamente, de seu companheiro. Estes itens formam cinco escalas que abordam: táticas de resolução e conflitos através de negociação, agressão psicológica, violência física, consequências da violência na saúde das pessoas envolvidas no conflito e a existência de coerção sexual no relacionamento (MORAES, HASSELMANN, REICHENHEIM, 2002).

As autoras da versão brasileira reconhecem que a CTS2 é um instrumento extenso, portanto provavelmente não é adequado para realização de triagem em serviços. Além disso, dentre seus itens, não há a possibilidade para a aferição de isolamento social ou suas variantes, como restrição de contato com amigas (os), parentes, trabalho ou espaços na comunidade que proporcionem interação social. Há uma escala de coerção sexual que deixou de fora alguns atos de abuso sexual contra as mulheres (por exemplo, obrigá-las a fazer sexo com outros parceiros).

WHO VAW Study

Esse instrumento é oriundo de um estudo multicêntrico criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), denominado Estudo Multi-Países sobre Saúde da Mulher e Violência Doméstica (*World Health Organization Violence Against Women- WHO VAW*), foi validado pela autora Lilia Blima Schraiber no Brasil. Com o objetivo de estimar os diferentes tipos de violência doméstica contra a mulher, a OMS criou esse instrumento em 1998 para ser aplicado inicialmente em 10 países (Bangladesh, Brasil, Etiópia, Japão, Namíbia, Peru, Samoa, Sérvia e Montenegro, Tailândia e Tanzânia) (SCHRAIBER *et al.*, 2010).

No Brasil, o instrumento validado investiga a violência sexual, psicológica ou física perpetrada por parceiros íntimos de mulheres ao longo da sua vida ou nos últimos 12 meses antes da aplicação do instrumento.

Ao analisar os itens do instrumento validado no Brasil, percebemos que ele é limitado em sua compreensão de violência psicológica e possui perguntas pouco específicas. Existem outras formas de violência psicológica que não encontramos nele. Como: fazer a mulher sentir-se burra ou incapaz, restringir o acesso dela aos amigos e família, impedir que ela saia com os amigos, ameaça-la por redes sociais, dentre outras.

A partir da análise dos instrumentos traduzidos e adaptados transculturalmente para o português brasileiro, optamos por realizar a tradução e adaptação transcultural de um instrumento que consideramos que preenche algumas das lacunas que apontamos nos instrumentos citados anteriormente, o *Composite Abuse Scale*.

Composite Abuse Scale

Dentre os instrumentos de identificação de violência por parceiro íntimo, validados a nível mundial, destacamos o “*Composite Abuse Scale*”, ou simplesmente CAS, que além de realizar a identificação, também quantifica a frequência e severidade, bem como classifica os tipos de violência sofridos.

O instrumento tem como referência de violência por parceiro íntimo os conceitos do Center for Disease Control – Centro de Controle de Doença) e da Organização Mundial de Saúde:

Violência física e/ou sexual (uso da força física) ou ameaça de tal violência; ou abuso psicológico/emocional e/ou táticas coercivas quando houve violência física e/ou sexual anterior; entre pessoas que são cônjuges ou parceiros não-conjugais (namoro, namorado-namorada) ou ex-cônjuges ou parceiros não-conjugais. Este tipo de violência pode ocorrer entre casais heterossexuais ou do mesmo sexo e não requer intimidade sexual (Center for Disease Control, 2010).

Qualquer comportamento dentro de um relacionamento íntimo que causa dano físico, psicológico ou sexual que prejudique os envolvidos no relacionamento, incluindo: agressão física, abuso psicológico, relações sexuais forçadas e outras formas de coerção sexual, vários comportamentos controladores (World Health Organization; 2013).

A definição de violência por parceiro íntimo adotada na *Composite Abuse Scale*, se parece com a compreensão do que seria violência doméstica contra a mulher tipificada na lei conhecida como Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006). Portanto, esse instrumento está próximo culturalmente do Brasil, na compreensão das nuances da violência por parceiro íntimo.

Esse instrumento foi originalmente elaborado na língua inglesa, em Melbourne na Austrália, pela Dra Kelsey Hegarty e já possui tradução em nove línguas: Árabe, Holandês, Russo, Espanhol, Turco, Malaio, Japonês, Bengali, Alemão e Vietnamita.

Segundo Hegarty e Valpied (2013), em contextos clínicos, a CAS pode fornecer dados de prevalência e associações com outras comorbidades físicas e emocionais. Ela tem sido usada como uma ferramenta de pesquisa em clínica geral, clínicas pré-natais, departamentos de emergência, saúde mental e clínicas de drogas e álcool.

Há pesquisas produzidas por pesquisadores de outros países que apontam para a qualidade e alta sensibilidade da CAS enquanto ferramenta para o rastreamento/triagem da violência por parceiro íntimo, como a de MACMILLAN *et al.* (2006); SOHAL, ELDRIDGE, FEDER, 2007) e WATHEN *et al.* (2008).

A “*Composite Abuse Scale*” foi desenvolvida para avaliar de maneira abrangente diferentes tipos de Violência por Parceiro Íntimo, sendo originalmente validada utilizando uma amostra de enfermeiras australianas (HEGARTY, K.; SHEEHAN, SCHONFELD, 1999) e, posteriormente, para o teste psicométrico foi aplicada a uma grande população clínica de 1836 pacientes (HEGARTY, *et al.*, 2005).

É um instrumento criado para ser preenchido por mulheres a partir de 16 anos, grávidas ou não. É auto-aplicável, com preenchimento do instrumento entre 5 e 15 minutos. Deve ser preenchido considerando o período dos últimos 12 meses. Existem 30 itens na CAS. Cada um dos quais é marcado entre 0 e 5 da seguinte forma 0 significa nunca, 1 algumas vezes, 3 uma vez ao mês, 4 uma vez por semana e 5 diariamente.

Os itens do instrumento são divididos em quatro subescalas: fator de abuso emocional, fator de abuso físico, fator de abuso combinado grave e fator de assédio.

O grupo fator de abuso emocional possui 11 itens que incluem abuso verbal, psicológico, de dominância e de isolamento social. Enquanto que, o grupo de abuso

físico, possui 7 dos itens de abuso físico considerados “menos graves”. No que diz respeito ao fator de abuso combinado grave, trata-se da categoria que possui 8 itens que representam abuso sexual e aspectos de isolamento físico de abuso emocional. No fator de assédio há 4 itens que são a respeito do assédio e comportamento *stalker*¹(Hegarty, e Valpied, 2013).

O diferencial da escala é a capacidade de medir diversos tipos e a severidade dos abusos, embora no que diz respeito aos itens de abuso sexual, percebe-se que há um número reduzido. Também não contempla itens relacionados à violência econômica/patrimonial, configurando-se portanto, em algumas limitações do instrumento.

Em decorrência da relevância e qualidade científica deste instrumento e por ter no Brasil somente quatro instrumentos traduzidos e adaptados transculturalmente (HASSELMANN; REICHENHEIM, 2003.; REICHENHEIM; MORAES; HASSELMANN, 2000.; SCHRAIBER *et al.*, 2010.; MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002), que apresentam limitações, seja por restringir a população em que se pode aplicar o instrumento ou não englobar o universo de violências que podem ser perpetradas por parceiros íntimos, a intensidade de tipos de violência e a frequência destas, vemos na CAS um instrumento com potencial para preencher essa lacuna científica no Brasil.

Outra evidência importante de ser citada é o documento da Quadragésima Nona Assembleia Mundial da Saúde que reconhece que a violência é um dos principais problemas mundiais de saúde pública e que, em decorrência disso, é necessário promover pesquisas sobre a violência como prioridade nas pesquisas da saúde, além de aprimorar o diagnóstico, registro e gerenciamento das consequências da violência (1995 *apud* DAHLBERG; KRUG, 2002).

Ou seja, a necessidade de pesquisas científicas de saúde sobre a temática de violência sexual tem evidência científica não só pela escassez, como pelas contribuições que estas podem trazer para a consolidação de políticas públicas e aprimoramento ou implantação de serviços que trabalhem na prevenção e gerenciamento desse problema social.

¹ Nome dado à perseguidores, pessoas que utilizam de uma diversa série de assédios para perseguir pessoas às quais direcionam algum tipo de obsessão. Apresentando comportamentos invasivos como vigilância, perseguição, abordagens e comunicações inconvenientes por carta, telefone ou correio eletrônico (SHERIDAN & DAVIES (2001).

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Traduzir e adaptar transculturalmente o instrumento Composite Abuse Scale (CAS) da versão original em inglês para o português brasileiro.

1.2.2 Objetivos específicos

- Realizar a tradução do CAS para o português brasileiro, levando em consideração a equivalência idiomática, semântica, experimental
- Desenvolver a adaptação transcultural levando em consideração as características culturais e a diversidade das mulheres brasileiras
- Definição de protocolo de tradução e adaptação transcultural.

REVISÃO DE LITERATURA

1.3 GÊNERO

Gênero é a construção social do masculino e do feminino, esse é o único consenso sobre gênero que existem entre as teóricas feministas (Saffioti, 2015). Ou seja, o conjunto de normas que moldam os seres humanos e são expressas nas relações humanas (mulher-mulher, homem-homem, mulher-homem).

Segundo Saffioti (2015) as desigualdades de gênero existentes nessas relações não são inatas, elas são advindas de multicausalidades, seja de ordem cultural, pelas estruturas de poder ou pelos agentes envolvidos nas relações sociais. Isto é, as desigualdades são construídas.

A partir desses elementos, podemos dizer que gênero está relacionado às imagens que a sociedade constrói do que seria masculino e feminino, e que, além disso, se consideramos que gênero advém de uma construção social, podemos afirmar que este se contrapõe ao essencialismo biológico.

Essa compreensão de gênero e poder nos permite inferir como se estruturam as relações sociais, como o poder está em constante disputa e pode de maneira dicotômica ser exercido tanto para gerar liberdade ou criar desigualdades. Ou seja, as desigualdades, racismo, sexismo e classe não são características pessoais inatas. Elas se dão através das interações sociais.

Segundo Foucault (1981) o poder deve ser analisado como algo que flui, que circula pelas relações sociais, que funciona em cadeia. Ou seja, que o poder não possui a indivíduos, mas passa por eles. Assim, podemos depreender que o poder se dá em várias esferas, seja micro ou macro. Que perpassa por todos os tipos de relações, portanto pode se dá nas relações entre mulheres, mulheres e homens e entre homens.

Dessa maneira, ao fazer uma relação entre gênero e poder, podemos concordar com Joan Scott (1995) quando diz que o gênero é construído através do parentesco, mas não somente. Ele também é construído na economia, na organização política e opera independente de parentesco. Ou seja, numa visão ampliada de como essa relação é construída, é preciso que nós, enquanto pesquisadoras, consideremos em nossas análises o mercado de trabalho, a educação, o sistema político, etc. Ou seja, os diferentes espaços em que se constroem as interações das relações humanas.

1.4 FEMINISMOS

Apesar das particularidades do capitalismo em cada país, o que esses possuem em comum é a legitimação do regime patriarcal de dominação. As mulheres, mesmo em locais diferentes, enfrentavam problemas similares de opressão (TELES, 2017).

E foi a partir da compreensão dessas opressões que, segundo esta autora, na segunda metade do século XIX as mulheres se organizaram e iniciaram um movimento antissexista pelos seus direitos políticos e sociais. Esse movimento iniciou na Europa e Estados Unidos e posteriormente repercutiu entre as mulheres latino-americanas.

A esse movimento, chamamos de feminismo. Há muitos conceitos sobre o que seria esse movimento e os propósitos dele. Optamos por discuti-lo a partir dos conceitos que consideramos serem de fácil compreensão e que abrangem a complexidade do que é feminismo.

Segundo Bell Hooks (2015), feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão. A autora entende que sexismo/patriarcado é o sistema de discriminação baseada no sexo. E que este conceito de feminismo é abrangente a ponto de possibilitar que homens e mulheres entendam que foram socializados desde a infância para aceitar ações e teorias sexistas. Assim, homens e mulheres são afetados pelo sexismo e o disseminam.

É importante ressaltar que, ainda que todos nós, homens e mulheres, tenhamos essa construção sexista presente ao longo das nossas vidas, os homens são os que mais se beneficiam do sexismo.

Em sintonia com essa percepção de feminismo e sexismo, temos um conceito mais detalhado sobre esse movimento elaborado por uma pesquisadora brasileira:

Feminismo é o instrumento teórico que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e hierarquia que impacta mais negativamente sobre a mulher. É lente através da qual as diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente, com vistas a reinvenção de mulheres e de homens foras dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro. (BAIRROS, 1995, p.462)

Ainda que o sexismo/patriarcado impacte negativamente sobre a vida das mulheres, precisamos pontuar que ele se dá de maneira diferente à medida em que

consideramos raça e classe. Ou seja, as opressões se dão de maneira diferentes dentro do grupo mulher.

Algumas teóricas, como Lélia Gonzales (1982), criticam a ausência dessa compreensão da diversidade das mulheres dentro do movimento feminista dito eurocentrado. Ela afirma que as representações sociais manipuladas pelo racismo cultural também estão internalizadas pelas mulheres feministas brancas, que mesmo sendo discriminadas, não percebem que constroem um discurso em que estão presentes elementos da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial (p.100).

Foi a partir da percepção de que o movimento feminista eurocentrado não conseguia contemplar as pautas das mulheres negras, que estas iniciaram o seu processo de organização e chegaram ao que hoje chamamos de feminismo negro. Que é um feminismo com uma perspectiva interseccional.

Não queremos com isso dizer que o feminismo foi construído somente por mulheres brancas. Mas sim que, dentro desse movimento, as pautas das mulheres brancas se sobrepunham e tinham mais força que a das mulheres negras e que isso impulsionou a organização do movimento feminista negro em contraponto ao feminismo eurocentrado.

Sandra Bello (2006), em O Livro da Saúde das Mulheres Negras, acredita que quando as mulheres negras brasileiras se organizaram, elas quebraram a hegemonia do movimento feminista eurocêntrico. Movimento que ela classifica como importado, que colocava as mulheres negras em uma posição de submissão.

A autora Bell Hooks (2015) tem compreensão semelhante ao analisar a história do movimento feminista no EUA, segundo a autora as mulheres negras que estavam na academia iniciaram um processo de grupo de estudos, disciplinas para discutir gênero e teceram críticas ao feminismo que desconsiderava as pautas das mulheres negras e de outras etnias.

Ela afirma que não o faziam por querer diminuir a visão de sororidade, mas sim construir uma sororidade genuína, entendendo que isso só seria possível se as mulheres brancas abrissem mão da sua supremacia e se o movimento feminista fosse fundamentalmente antirracista.

Um exemplo de como o movimento feminista invisibilizou as pautas das mulheres negras e de outras etnias, foi a luta pelo mercado de trabalho. As mulheres brancas eram vistas como mulheres frágeis, sensíveis, com inteligência inferior à

dos homens. A elas eram reservados os espaços privados. Assim, o movimento feminista transformou essa pauta em uma das suas prioridades.

A ênfase no trabalho como chave para a libertação das mulheres levou várias ativistas feministas brancas a sugerir que mulheres que trabalhavam “já eram livres”. Na verdade, elas diziam para a maioria das mulheres trabalhadoras “o movimento feminista não é para você” (Hooks, 2015).

Não há como mulheres que sempre estiveram no mercado de trabalho, sendo exploradas e ganhando salários baixos se identificarem com essa reivindicação das mulheres brancas. Trabalhar por salários baixos não liberta mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina.

Segundo Angela Davis (2016), as mulheres sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme padrão que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão.

Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras, seja na lavoura ou nos trabalhos domésticos e de maternagem.

No que diz respeito à cobrança de trabalho, as mulheres escravizadas sofriam tanta opressão quanto os homens, com a diferença de que além das cobranças e açoites, elas também sofriam violência sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas, incluindo gravidez compulsória.

Essa experiência retratada por Ângela Davis em *Mulheres, Raça e Classe*, é semelhante ao que ocorreu no Brasil. Inclusive nos ajuda a compreender o processo de miscigenação brasileiro, que recorrentemente é narrado de maneira romantizada, invisibilizando os abusos sexuais sofridos pelas mulheres em condição de escravidão.

Como maneira de resistir às opressões, algumas mulheres negras em situação de escravidão, abortavam. Se recusando a parir crianças que também seriam escravizadas (Teles, 2017). Elas criavam várias estratégias de resistência dentro desse sistema escravagista.

Essa construção de feminilidade contrasta com a que as mulheres feministas brancas lutaram para desconstruir: mulheres são frágeis, dependentes dos homens e nasceram para os trabalhos no ambiente privado.

Em seu discurso na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851 Sojourne Truth aponta para o fato de que as mulheres negras não se encaixam no perfil de fragilidade e exclusão do mercado de trabalho (discurso universal atribuído às mulheres), então por não se encaixar nesse estereótipo, não seria ela uma mulher?

O discurso de Sojourne Truth nos aponta para as contradições dentro de alguns setores do movimento de mulheres, seja acadêmico ou de militância política, que desde aquela época tentam relegar as pautas das mulheres negras à invisibilidade.

À medida em que as mulheres brancas e de classes sociais privilegiadas conseguiram acesso ao mercado de trabalho, percebeu-se que os homens privilegiados não se tornaram igualmente responsáveis pelas tarefas domésticas, a liberdade das mulheres de classe privilegiada de todas as raças exigiu subordinação sustentada das trabalhadoras pobres (Hooks, 2015).

Com isso, podemos perceber que para as mulheres brancas – especialmente aquelas ligadas às classes capitalistas e média – é possível alcançar objetivos particulares sem assegurar nenhum progresso para as suas irmãs racialmente oprimidas e da classe trabalhadora (DAVIS, 2016).

Para Bell Hooks (2015) a visão do feminismo reformista de que as mulheres seriam libertas pelo trabalho, ignorava as mulheres que estavam submetidas a trabalhos que não eram bem remunerados.

Além disso, pontuou que, de fato, não podemos equiparar trabalho com libertação, mas também não podemos ignorar que a autossuficiência econômica é necessária para a libertação das mulheres. Então precisamos repensar as relações de trabalho e consumo. Nem todo trabalho permite às mulheres liberdade (Hooks, 2015).

Fazendo uma análise das contradições entre esse feminismo eurocentrado e o feminismo negro, Jurema Werneck (2006) sinaliza que as mulheres negras não estão em igualdade econômica com as mulheres brancas. Ela utiliza como base uma pesquisa do autor Reichmann (1995), que aponta que as mulheres negras chefes de família historicamente têm sobrevivido com um terço ou metade da renda com a qual mulheres brancas chefes de família o fazem.

Além disso, as mulheres negras permanecem sendo o grupo de mulheres mais violentado e que mais sofre com a violência doméstica. E, no Brasil, a

colonização (momento de dominação dos povos nativos) está diretamente relacionada à cultura do estupro (Ribeiro, 2017).

1.5 VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES

Segundo Bandeira (2017), a violência é uma força social que estrutura as relações sociais e ações coletivas, sobretudo no contexto de análise da violência contra a mulher de gênero. É estruturante por normatizar, modelar e regular as relações entre homens e mulheres na sociedade, seja pela sua dimensão quantitativa ou pela forma de poder. Considera-se o corpo feminino como espaço preferencial para a perpetuação da violência, onde esta transverte-se em um exercício de poder.

As violências praticadas contra mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas. Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação ou força, lhes infligem, na vida privada ou pública, sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos com a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las, atingi-las na sua integridade física e na sua subjetividade (ALEMANY, 2009).

O uso dessa violência visa o exercício de dominação das mulheres, já que na nossa sociedade as relações de poder têm uma dissimetria entre homens e mulheres, assim a expressividade da violência se dá entre dominador e subordinado. Expressividade essa que é historicamente socialmente aceita. Já que homens e mulheres são influenciados pelo sexismo.

Ao longo da história alguns avanços à nível institucional foram realizados para o enfrentamento à violência contra a mulher. Já que o Brasil e o mundo apresentavam dados expressivos da ocorrência desse tipo de violência e o movimento feminista realizava pressões em várias esferas sociais apontando para essa violação de direitos humanos. Como exemplo desses avanços podemos citar a lei 11340/06.

Em 2006, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a lei 11340/06, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha. Essa lei tipifica o que seria violência doméstica e familiar contra a mulher no Brasil.

Configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade

formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação (BRASIL, 2006).

Essa lei foi um marco dentro do direito brasileiro e para o movimento feminista. Já que a partir desse ano violência contra a mulher, independente de orientação sexual, viria a ser tipificado como crime. O Brasil, a nível institucional, reconhece que violência contra a mulher passa a constituir-se como uma violação dos direitos humanos.

Mesmo com essa lei sendo sancionada em 2006 e com os esforços de proposição e implementação de políticas públicas a fim de prevenir e enfrentar a violência de gênero no país, percebemos que os dados de violência contra a mulher ainda são alarmantes. Tornando, assim, necessária a elaboração de mais estratégias para o enfrentamento da violência contra as mulheres.

No que diz respeito à violência contra mulheres, o último Anuário de Segurança Pública (2018), aponta que em 2017 aconteceram diariamente 606 casos de violência doméstica com lesão corporal dolosa, apresentando um total de 221 mil registros de violência doméstica neste ano.

Atualmente temos os dados da pesquisa realizada pelo Data Folha e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) sobre as diversas violências sofridas por mulheres no ano de 2018. Essa pesquisa traz dados alarmantes, 536 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora em 2018. 4,6 milhões de mulheres foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais, esses números indicam que a cada minuto, 9 mulheres foram vítimas desse tipo de agressão no último ano. 1, 7 milhão foram ameaçadas com faca ou arma de fogo. 1,6 milhão sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento. 12,5 milhões foram vítimas de ofensa verbal, como insulto, humilhação ou xingamento.

Ainda segundo esta pesquisa sobre vitimização de mulheres por violências diversas, 24,7% eram mulheres brancas, 27,5% eram mulheres pardas e 28,4% eram mulheres pretas. Ou seja, 55,9% das mulheres vítimas eram negras.

Esses são dados alarmantes, ainda mais se considerarmos que a subnotificação da violência contra a mulher nas cidades brasileiras. Ainda que tenhamos sistemas como o SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) e o SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade), o número de mulheres que denunciam seus agressores e o número de cidades que fazem a

catalogação e prezam pela transparência dos dados desse tipo de violência, ainda não são suficientes para representar a realidade da violência contra as mulheres no país.

Não raramente as violências contra as mulheres evoluem para o feminicídio. A mulher que se torna uma vítima fatal muitas vezes já foi vítima de uma série de outras violências de gênero, por exemplo: violência psicológica, patrimonial, física ou sexual. Ou seja, muitas mortes poderiam ser evitadas, impedindo o desfecho fatal, caso as mulheres tivessem tido opções concretas e apoio para conseguir sair de um ciclo de violência (CERQUEIRA, 2018).

A taxa de mulheres assassinadas no Brasil em 2016 foi de 4.645, o que representa uma taxa de 4,5 para cada 100 mil brasileiras. Nos últimos 10 anos essa taxa aumentou em 6,4% (CERQUEIRA, 2018).

Segundo dados do MAPA DA VIOLÊNCIA (2018), dentro do grupo de mulheres, chama atenção a taxa de mulheres negras assassinadas, que no ano de 2017 foi 71% maior que a de mulheres não negras. Esses dados apontam para a necessidade de uma análise interseccional quando estudamos violência. Pois ela não se dá de maneira homogênea entre as mulheres.

Ainda segundo esse documento, “a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou em 15,4% enquanto que entre as não negras houve uma queda de 8%” (CERQUEIRA, 2018).

Em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?*, a autora Djamilia Ribeiro (2018) consegue explicar esse fenômeno, segundo ela, todas as mulheres estão sujeitas a violência doméstica, independente de classe social, raça/etnia, orientação sexual, no entanto existe um grupo que está mais suscetível a ela, que é o das mulheres negras.

Já que seus corpos vêm sendo desumanizados e ultrasexualizados ao longo da história, tendo esses estereótipos racista como catalisador para a compreensão dos seus corpos como lascivos, fáceis e indignos de respeito. Contribuindo assim para a cultura da violência contra essas mulheres.

Outro grupo de mulheres que apresentam dados alarmantes são o de mulheres lésbicas, segundo Peres (2018), 54 mulheres foram mortas em 2017. Representando um aumento de 237% em relação ao primeiro ano em que iniciou-se a pesquisa do Dossiê sobre o lesbocídio no Brasil, que foi 2014.

Como podemos perceber, Identidade de gênero e orientação sexual tem sido motivos para crimes de violência e homicídio no país. Foram registrados 802 homicídios de pessoas trans entre 2008 e 2016, tornando o Brasil o país que mais mata travestis, pessoas trans e transexuais. Ou seja, a violência atinge as mulheres não só por serem mulheres, mas também por sua raça/etnia, classe ou orientação sexual.

Quem são, em sua maioria, os agressores das mulheres?

Segundo uma pesquisa recente, 76,4% das mulheres que sofreram violência afirmam que o agressor era alguém conhecido. Sendo 23,8% cônjuge, companheiro ou namorado; 21% vizinho; 15,2% ex-cônjuge, ex-companheiro ou ex-namorado. Houve um crescimento de 25% em relação a 2016, quando 61,2% das mulheres afirmaram conhecer o agressor. (FBSP, 2019).

Como podemos perceber, o maior percentual de agressores são cônjuges, companheiros (pessoas que coabitam) ou namorados. A esse tipo de violência chamamos de Violência por Parceiro Íntimo. Que possui implicações negativas na saúde das pessoas envolvidas, sejam de ordem física ou mental.

Quando trata-se de questões relacionadas à violência a abordagem da Saúde pública enfatiza a importância da ação coletiva. Ela diz que as ações cooperativas de vários setores são necessárias para solucionar o que normalmente é visto como problemas puramente “médicos”. Ao lidar com o problema da violência, cada setor tem um papel importante a desempenhar e, coletivamente, a abordagem adotada por cada um deles tem potencial para produzir importantes reduções na violência (DAHLBERG; KRUG, 2002).

A partir do avanço no registro, organização e transparência dos dados em relação à violência contra as mulheres, seremos capazes de melhorar na proposição e avaliação de políticas públicas e ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

1.6 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL

Segundo Beaton et al. (2000), se o instrumento for traduzido para ser utilizado em uma cultura diferente do qual foi elaborado, os itens deste não devem ser apenas traduzidos em termos linguísticos, como também devem ser adaptados culturalmente, para manter a validade do conteúdo deste instrumento em um nível conceitual. Ou seja, o termo adaptação transcultural é utilizado para abranger um

processo que analise as questões de adaptação da linguagem, que seria a tradução e cultural, que prepara o instrumento para ser utilizado em outro ambiente.

Em consonância com esta compreensão do que seria este processo, Alhabib, S.; Feder, G.; Horwood, J. (2013) chamam atenção para o fato de que a tradução precisar considerar o dialeto local, pois a linguagem codifica um sistema peculiar de ideias e pensamentos. Além disso, as autoras referem que a palavra chave para este tipo de trabalho é Equivalência. Ou seja, é conseguir replicar a mesma situação que no idioma original utilizando palavras diferentes. Pois a tradução e adaptação transcultural apropriada de um instrumento, permitem comparar os achados entre populações que falam diferentes idiomas.

Uma tradução e adaptação apropriadas, para Machado et al. (2018), requerem rigor metodológico. Ou seja, que as pessoas envolvidas nesse processo atuem com impessoalidade, uniformidade e obediência ao processo metodológico que se proporem a utilizar. De forma que os valores refletidos por um instrumento e os significados de seus componentes se mantenham equivalentes entre uma cultura e outra.

Essas recomendações objetivam, além do rigor metodológico, a equivalência semântica (significado das palavras), experimental (situações encontradas na versão original que precisam ser adequadas ao contexto cultural do local para o qual a tradução está sendo realizada), idiomática (peculiaridades do idioma), conceitual (validade de conceitos), que proporcionem a validação do instrumento (BEATON et al., 2000)

Beaton et al (2007) sugerem que a tradução e adaptação transcultural de instrumentos ocorra em pelo menos cinco etapas, envolvendo comitê de especialistas e pré-teste. Não há consenso na quantidade ou etapas que devem ser seguidas em uma tradução e adaptação transcultural.

Assim, apresentaremos no próximo capítulo o nosso processo metodológico. Para que o leitor conheça o passo-a-passo desta pesquisa, que assim como recomendam os autores, anteriormente citados, tem seu processo em multi-etapas, com pessoas de níveis de formação diferentes entre si e pessoas que fazem parte do público-alvo do instrumento que nos propomos a traduzir e adaptar transculturalmente.

METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os materiais e métodos que escolhemos para o desenvolvimento desta pesquisa. Seus tópicos foram divididos em: aspectos éticos, critérios de inclusão e exclusão, tipo de estudo e referencial metodológico, lócus da pesquisa e o artigo do protocolo de tradução.

1.6.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa de tradução e adaptação transcultural do instrumento “Composite Abuse Scale” para o português brasileiro, que tem como objetivo identificar a violência por parceiro íntimo e quantificar a frequência e severidade, bem como classificar os tipos de violência sofridos.

Por tratar-se de uma pesquisa com enfoque em tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro, esse estudo caracteriza-se como metodológico. Pois, neste tipo de estudo, o pesquisador tem como objetivo elaborar um instrumento com um alto nível de confiabilidade e que possam ser empregados por outros pesquisadores e outras pessoas. Esse tipo de estudo lida com fenômenos complexos como a saúde ou comportamento dos indivíduos (POLIT; HUNGLER, 1995).

1.6.2 ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (CEP), setor Ciências da Saúde. E foi aprovada pelo CEP, seguindo a Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde e sua aprovação consta no parecer número 2.754.448, CAEE: 89411818.4.0000.0102 (BRASIL, 2012).

Para que a etapa V (pré-teste) desta pesquisa fosse autorizada a ser realizada na Casa da Mulher Brasileira de Curitiba (CMB), precisamos submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Curitiba. Recebemos a aprovação da mesma no parecer número 2.774.361.

Após aprovação pelo CEP os participantes da etapa I, II e III da pesquisa, foram convidados via e-mail à participarem da pesquisa, junto ao e-mail, enviamos

em anexo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além do Termo de Confidencialidade para que fossem assinados caso aceitassem participar da pesquisa e o instrumento que pretendemos traduzir e adaptar transculturalmente para a língua portuguesa.

1.6.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Inclusão

- Pessoas a partir de 18 anos.
- Mulheres em situação de violência usuárias dos serviços da rede intersetorial. (Estágio V)
- Profissionais da rede de atenção intersetorial às mulheres vítimas de violência. (Estágio V)
- Especialistas em tradução para colaborar com o processo de tradução, adaptação transcultural dos instrumentos que serão utilizados na rede. (Estágio II, II)
- Especialistas em estudos de gênero e violência contra mulheres para colaborar com o processo de tradução e adaptação transcultural dos instrumentos que serão utilizados na rede.

Exclusão

- Pessoas com idade menor que 18 anos.
- Pessoas com declínio cognitivo grave, que legalmente não podem responder por si.
- Pessoas que solicitarem sair da pesquisa.

1.6.4 LÓCUS DA PESQUISA

O campo para o desenvolvimento da etapa de entrevista cognitiva da pesquisa a Casa da Mulher Brasileira de Curitiba, localizada na Avenida Paraná, número 870, no bairro Cabral. A qual dispõe e oferece diversos serviços voltados às mulheres em situação de violência, e conta com a articulação intersetorial dos atendimentos especializados na área de saúde, justiça, segurança, juizado especializado, central de transporte, alojamento de passagem, defensoria e promotoria especializada.

1.6.5 PROCESSO DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL

Para realizar o processo de tradução e adaptação transcultural, buscamos estabelecer um protocolo com intuito de que a metodologia da nossa pesquisa pudesse ser compreensível e reproduzível. O protocolo foi desenhado com base nas metodologias de pesquisas de tradução e adaptação transcultural de instrumentos que aferem violência contra a mulher e de um grupo especialista em tradução de documentos médicos e será apresentado a seguir, em formato de um artigo com enfoque metodológico, para posterior submissão à publicação, e que possa subsidiar outros processos de tradução e adaptação transcultural.

ARTIGO 1 - PROTOCOLO DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO INSTRUMENTO COMPOSITE ABUSE SCALE PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Raíza Wallace Guimarães da Rocha²; Daniel Canavese de Oliveira³; Marcos Claudio Signorelli⁴

Resumo

Objetivo: Apresentar um protocolo teórico-metodológico de tradução e adaptação transcultural da Composite Abuse Scale (CAS), instrumento considerado padrão-ouro para avaliação da Violência por Parceiro Íntimo (VPI), para o português brasileiro. **Desenvolvimento:** Para desenvolver este protocolo, primeiramente realizamos uma pesquisa bibliográfica retrospectiva através das seguintes bases de dados: Pubmed, Scopus, Lilacs, Bireme, Scielo, Web of Science, e a base de dados do Grupo MAPI, que é uma agência internacional de pesquisa focada na tradução de questionários de saúde. Adotamos descritores e termos livres relacionados à violência por parceiro íntimo, tradução e adaptação transcultural para a estratégia de busca. Após a leitura de todos os artigos, não

² Post-Graduation Student in Public Health, Federal University of Parana (UFPR), Curitiba, Brazil

³ Co-supervisor, PhD. in Public Health, Department of Public Health, Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brazil.

⁴ Supervisor, PhD in Public Health, Department of Public Health, Federal University of Parana (UFPR), Curitiba, Brazil.

encontramos evidências empíricas em favor de um único método em detrimento de outros. A maioria dos artigos recomendou uma abordagem em várias etapas e um processo de revisão, sugerindo que esse tipo de tradução seria mais cientificamente confiável. Com base no conjunto de estudos que encontramos em todo o mundo, criamos o seguinte método como nosso protocolo de tradução e adaptação transcultural do CAS para o português brasileiro: Estágio 1 - Análise conceitual do instrumento. Estágio 2 - Tradução para o Português Brasileiro. Estágio 3 - Retrotradução. Essa versão retrotraduzida será enviada à autora original do instrumento para análise e considerações. Estágio 4 - Comitê de revisão do documento. Estágio 5 - Entrevistas Cognitivas. Nesta etapa se a versão não atingir um nível satisfatório de compreensão, voltaremos ao passo 4. Estágio 6 - Apresentação dos resultados e versão final no idioma traduzido. O último passo será a apresentação de todos os relatórios e formulários para o desenvolvedor do instrumento, para que ela possa acessar todas as etapas da pesquisa. Esta etapa também apresentará o CAS final traduzido para o português brasileiro e o trabalho final será submetido para publicação.

Considerações Finais: Com este protocolo esperamos alcançar um processo rigoroso de tradução e adaptação transcultural do CAS para o Português Brasileiro. Este instrumento estará disponível gratuitamente para pesquisadores, aprimorando os estudos sobre VPI no Brasil. Posteriormente, em estudos futuros, poderíamos também desenvolver um estudo de validação com o CAS traduzido no Brasil.

Pontos fortes e limitações deste estudo

- Apresenta o protocolo da tradução e adaptação transcultural de um instrumento que tem como temática central a identificação de violência por parceiro íntimo que nunca foi traduzido para o português.
- É um protocolo que possui 6 etapas tendo como referência grandes pesquisas de tradução e adaptação transcultural com o enfoque em Violência por parceiro íntimo.

- Para um instrumento fidedigno com a realidade do Brasil, talvez fosse necessário modificar algumas questões de maneira que este se distanciaria do instrumento original.
- Colocar como limite a saturação de dados na entrevista cognitiva pode se configurar como fator limitante para alcançar um estudo com alto nível de confiabilidade perante a comunidade acadêmica que valida este tipo de pesquisa por um viés quantitativo.

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2014) a violência por parceiro íntimo (VPI) é resultado de comportamentos dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico aos integrantes desse relacionamento, incluindo atos de agressão física, coação sexual, abuso psicológico e comportamento controlador.

Esse tipo de violência não se restringe a um gênero, mas no Brasil, quando analisamos os dados do Mapa da Violência publicado em 2015, percebemos que esse tipo de violência atinge principalmente as mulheres. Duas a cada três vítimas de violência doméstica, sexual e/ou outras violências registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), em 2014, eram mulheres. Nesse ano, cerca de 405 mulheres diariamente demandaram atendimento em uma unidade de saúde, por alguma violência sofrida.

Segundo o Fórum Nacional de Segurança Pública (2018) registrou-se 606 casos, por dia em 2017, de casos de violência doméstica. Totalizando cerca de 221 mil casos.

Esses dados apontam para a conclusão de que a violência é um problema de saúde pública, que necessita de estratégias de prevenção e enfrentamento. Segundo o relatório publicado pela OMS (2014) a violência por parceiro íntimo é evitável e faz parte das violências que são subnotificadas e que necessitam de estratégias de prevenção e políticas baseadas em dados compatíveis com a realidade, que tenham planos integrados que apresentem dados sobre a magnitude e as causas dos diferentes tipos de violência.

Ainda segundo este relatório da OMS (2014), com base em revisões sistemáticas, a OMS e seus parceiros identificaram algumas estratégias centradas na prevenção da violência, com potencial para reduzir a ocorrência destas. Dentre elas está: criar programas de atendimento às vítimas, incluindo identificação e cuidados.

Nesse sentido percebemos a importância da criação de instrumentos que sejam capazes de auxiliar na identificação da violência por parceiro íntimo, como uma das etapas de prevenção de agravamento desta, que pode evoluir para o feminicídio.

Dentre os instrumentos de identificação de violência por parceiro íntimo, validados a nível mundial, destacamos o “Composite Abuse Scale”, que além de realizar a identificação, também quantifica a frequência e severidade, bem como classifica os tipos de violência sofridos.

O instrumento foi elaborado originalmente na língua inglesa, em Melbourne na Austrália, pela Dra Kelsey Hegarty e já possui tradução em nove línguas, mas não em português, nem brasileiro e nem de Portugal.

Há pesquisas que apontam para a qualidade e alta sensibilidade do CAS enquanto ferramenta para o rastreamento da violência por parceiro íntimo, como a de MACMILLAN *et al.* (2006); SOHAL, H.; ELDRIDGE, S.; FEDER, G. (2007) e WATHEN *et al.* (2008).

O “*Composite Abuse Scale*” foi desenvolvido para avaliar de maneira abrangente diferentes tipos de Violência por Parceiro Íntimo, sendo originalmente validada utilizando uma amostra de enfermeiros australianos (HEGARTY; SHEEHAN; SCHONFELD, 1999) e, posteriormente, para o teste psicométrico foi aplicada a uma grande população clínica de 1836 pacientes (HEGARTY *et al.*, 2005).

Em decorrência da relevância e qualidade científica deste instrumento e por ter no Brasil somente três instrumentos (HASSELMANN; REICHENHEIM, 2003.; REICHENHEIM; MORAES; HASSELMANN, 2000.; SCHRAIBER *et al.*, 2010) traduzidos e adaptados transculturalmente, que possuem limitações seja por restringir a população em que se pode aplicar o instrumento ou não englobar o universo de violências que podem ser perpetradas por parceiros íntimos, a quantidade de tipos de violência e a frequência destas, vemos no CAS um instrumento com potencial para preencher essa lacuna científica no Brasil.

Objetivos

Apresentar um protocolo teórico-metodológico de tradução e adaptação transcultural da *Composite Abuse Scale* (CAS), instrumento considerado padrão-ouro para avaliação da violência por parceiro íntimo (VPI), para o português brasileiro.

Método e Desenvolvimento

Para desenvolver este protocolo, primeiramente realizamos uma pesquisa bibliográfica retrospectiva através das seguintes bases de dados: Pubmed, Scopus, Lilacs, Bireme, Scielo, Web of Science, e banco de dados do Grupo MAPI, que é uma agência internacional de pesquisa focada na tradução de questionários de saúde.

Adotamos descritores e termos livres relacionados à violência por parceiro íntimo, tradução e adaptação transcultural para a estratégia de busca, em inglês, português e espanhol. Os termos foram combinados empregando-se os operadores booleanos “OR” e “AND”. Para selecionar os artigos, elegemos como critério de inclusão aqueles que tinham como temática central a tradução e adaptação transcultural de instrumentos para identificação de violência contra as mulheres.

Assim, selecionamos os artigos encontrados através da plataforma Endnote, posteriormente colocamos o filtro para seleção e exclusão de artigos duplicados e assim chegamos ao resultado de 6 artigos resultantes das bases de dados Pubmed, Scopus, Lilacs, Bireme, Scielo, Web of Science (Alhabib, S., 2013; Antoniou, E., 2010; Sundborg, E., 2012; Umeda, M., 2014; Vives Cases. C., 2015; Wangel, A., 2016).

Em decorrência da relevância do grupo MAPI no que diz respeito ao mercado mundial de validação linguística de instrumentos da área da saúde e por serem autores do Linguistic Validation Manual for Health Outcome Assessments, incluímos a metodologia sugerida por eles na pesquisa (MAPI, 2018).

Depois de ler todos os artigos, não encontramos evidências empíricas em favor de um único método em detrimento de outros. Não houve unanimidade a favor de um método síntese para a tradução e adaptação transcultural. A maioria dos artigos, como podemos ver no Quadro 1, recomendou uma

abordagem em várias etapas e um processo de revisão, sugerindo que esse tipo de tradução seria mais cientificamente confiável.

Quadro 1 - Artigos de Tradução e Adaptação Transcultural de instrumentos na área de violência por parceiro íntimo. Curitiba, PR, 2018.

Artigos	Tradução	Retrotradução	Comitê de Revisão do documento	Entrevistas Cognitivas	Apresentação da versão final aos desenvolvedores do instrumento	Nº de Etapas
Alhabib S, Feder G, Horwood J (2013)	Uma tradutora.	Uma tradutora bilíngue profissional.	Dois especialistas bilíngues com experiência em trabalhar com vítimas de violência. Um leigo e um Psiquiatra.	Dois grupos focais foram realizados com mulheres que foram contatadas através de um grupo social pré-existente para mulheres sauditas em Londres.	Não há essa etapa.	4
Antoniou, E.,; Ioannidi-Kapolou, E.,Daglas, M.,Vivilaki, V., Karamitros, D., Dafermos, V.,Iatrakis, G. (2010)	Dois tradutores.	Um tradutor bilíngue (inglês como língua materna). Não conhecia a versão original em inglês.	Grupo de pesquisa de parteiras da Universidade de Salford.	No processo de adaptação transcultural realizou-se entrevista com 5 mulheres e posteriormente realizou-se o teste piloto com dez participantes (mulheres grávidas).	Não há essa etapa	5

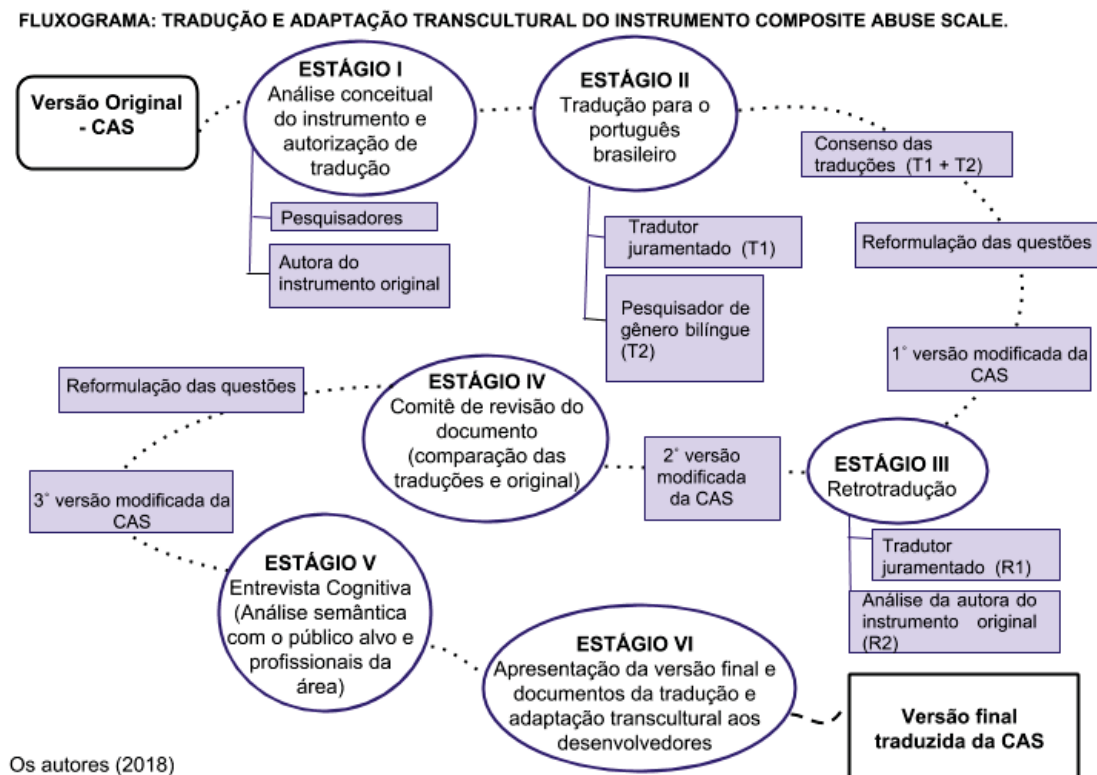
<p>Sundborg E1, Törnkvist L, Wändell P, Saleh-Stattin N. (2012)</p>	<p>Três tradutores bilíngues. Um engenheiro e duas enfermeiras.</p>	<p>Três tradutores. Sendo dois tradutores profissionais e uma nutricionista bilíngue.</p>	<p>Quatro pessoas bilíngues com experiência na área de pesquisa, sendo uma a coordenadora (autora da pesquisa). Se a comissão não chegar a um acordo, a pessoa que chefiava a comissão deve tomar a decisão final. Neste estudo, os membros incluíam um sociólogo, um advogado com mestrado em criminologia e um oficial de assistência social. Essas três pessoas estavam trabalhando na área de pesquisa e um deles tinha Inglês como sua língua nativa.</p>	<p>Dez participantes que não trabalhavam diretamente com pessoas vítimas de VPI. Após esta etapa o documento voltou ao comitê de especialistas para modificações e um segundo pré-teste foi realizado, com 30 pessoas que tinham o perfil do público alvo do instrumento.</p>	<p>Não há essa etapa. Ao invés dessa, o estudo realiza como etapa 5: pontuações de ponderação. Esta etapa pode ser encurtada aceitando as pontuações de ponderação do instrumento original</p>	5
<p>Umeda M1, Kawakami N. (2014)</p>	<p>Traduzida pelos autores.</p>	<p>Tradutor independente e o autor do instrumento original. Para avaliar a equivalência com a escala original em inglês, em termos de significado literal e geral.</p>	<p>Não há essa etapa</p>	<p>Etapa realizada em dois momentos via internet. Com no mínimo 100 pessoas por estado civil e por sexo (mulher solteira, mulher casada, homem solteiro, homem casado). Resultando no total de</p>	<p>Não há essa etapa</p>	3

				412 pessoas na primeira entrevista e 393 na segunda. As análises foram realizadas somente com as pessoas que responderam as duas entrevistas.		
Vives Cases C, Torrubian o Domínguez J, Carrasco Portiño M, Espinar-Ruiz E, Gil-González D, Goicolea I. 2015	Um tradutor bilíngue de origem espanhola.	Um tradutor bilíngue de origem norte-americana.	Três pesquisadores espanhóis especialistas em violência de gênero para determinar a validade do conteúdo da escala no contexto espanhol.	Cinco médicos e Cinco enfermeiras da atenção primária.	A versão revisada foi compartilhada com o autor de PREMIS,	5
Wangel AM1, Ouis P2 (2016)	Um tradutor juramentado.	Não descreve u essa etapa.	Oito estudantes bilíngües e trilingües e quatro profissionais de serviços médicos e sociais.	Trinta e quatro mulheres árabes.	Não descreveu essa etapa.	3
MAPI Group	Um coordenador e dois tradutores do país que quer traduzir.	Um coordenador, autor do instrumento original e um tradutor.	Um coordenador, autor do instrumento original e um revisor externo "cego" (sem conhecimento a respeito do estudo).	6 à 10 pessoas	Entrega de todos os documentos finais, versão final da linguagem, certificado de validação linguística e relatórios.	6

Resultados

Com base no conjunto de estudos encontrados nas bases citadas, criamos o nosso protocolo de tradução e adaptação transcultural do CAS para o português brasileiro, representado no fluxograma a seguir, cujos estão são detalhados na sequência.

Figura 2 - Fluxograma do Protocolo de Tradução e Adaptação Transcultural



ESTÁGIO 1 - Análise conceitual do instrumento.

Neste estágio, a autora do instrumento original e a equipe de pesquisa devem participar. Esta etapa destinou-se a elucidar alguns significados, opções de resposta e fornecer orientações para a tradução. Como resultado, a equipe de pesquisa poderia ter uma lista de conceitos para a harmonização de traduções entre países (MAPI, 2018). Esse estágio da pesquisa garante que nenhuma informação do instrumento seja negligenciada. Além disso, é neste estágio que a autora do instrumento original forneceu a autorização para a tradução do instrumento.

ESTÁGIO 2 - Tradução para o Português Brasileiro.

Dois tradutores (as) brasileiros (as) participaram deste estágio, os quais chamaremos de T1 e T2. A primeira pessoa (T1) foi um (a) pesquisador (a) na área (VPI) e tem conhecimento dos conceitos que estão sendo examinados no

instrumento traduzido. Enquanto que a segunda pessoa (T2) foi um (a) tradutor(a) profissional juramentado(a) e não foi informado sobre os conceitos e métricas a serem quantificados, não era da área da saúde. Assim obtivemos traduções de perspectivas diferentes.

Cada tradutor (a) traduziu do idioma original (inglês) para o idioma de destino (português brasileiro). As duas versões traduzidas serão comparadas pela equipe de pesquisa, a fim de chegar a um consenso. Se necessário, o supervisor (que nesta pesquisa, é o orientador) será consultado para o "voto decisivo".

Essas discussões foram registradas através de relatorias para que tenhamos documentados os resultados. Então, como resultado desta etapa, teremos a primeira versão da CAS traduzida.

ESTÁGIO 3 - Retrotradução.

A retrotradução é o estágio em que o instrumento resultante em português brasileiro (do estágio 2) foi enviado para um tradutor bilíngue (R1), com um grau acadêmico de Bacharelado em Letras (Inglês-Português), que não tinha conhecimento a respeito dos processos que estavam sendo trabalhados na etapa 1.

Este tradutor também aceitou assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de confidencialidade disponibilizados pelos pesquisadores. Para que a pesquisa esteja dentro dos padrões éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

O documento do português brasileiro foi retraduzido para o inglês para identificar possíveis mal-entendidos advindos dos diferentes contextos culturais entre o país de origem do instrumento e o em que ele está sendo traduzido, além de erros de tradução, melhorando sua qualidade.

As dúvidas que surgiram a respeito dos itens do instrumento em virtude de diferenças linguísticas, foram apresentadas à autora que propôs a versão considerada original na língua materna inglesa. A fim de garantir a qualidade do processo e que o instrumento seja fiel aos objetivos do instrumento considerado original (inglês) (Umeda, Kawakami, 2014; MAPI GROUP, 2018).

Dessa maneira, obtivemos como resultado a segunda versão da CAS.

ESTÁGIO 4 - Comitê de Revisão do documento.

Nesse estágio, a versão traduzida foi enviada para um grupo de especialistas fluentes em português brasileiro e inglês, com pesquisas acadêmicas na área de VPI, que tiveram acesso à todas as versões traduzidas e retraduzidas, a fim de contribuir com a revisão do documento que será utilizado na Etapa 5 e do documento final.

Esses(as) especialistas, escolhidos pelos pesquisadores e pesquisadoras, foram convidados (as), através de um e-mail, onde foi explicado o motivo de terem sido convidados(as) a participar da pesquisa, sobre o instrumento adaptado, o público alvo e objetivo dele, sobre a maneira correta de preenchê-lo, seguidos do instrumento traduzido, do original e do TCLE. Aos que não aceitaram participar, perguntamos se poderiam recomendar especialistas que se encaixavam dentro dos critérios de inclusão.

A partir das considerações dos especialistas e reuniões de conciliação entre os pesquisadores, chegamos à versão 3 do instrumento traduzido. O momento de conciliação, em decorrência das divergências de análise por parte dos(as) especialistas, foi importante para que os pesquisadores e supervisor pudessem discutir quais propostas estavam mais alinhadas com o objetivo do instrumento.

ESTÁGIO 5 - Entrevistas Cognitivas.

Neste estágio foram recrutadas:

- I – Mulheres com experiências pessoais de VPI;
- II – Profissionais das áreas de: saúde, educação, assistência social, segurança e judiciário.

Para entrevistas cujo objetivo foi avaliar a versão pré final do instrumento. O número de participantes e de entrevistas esteve relacionado com o critério de saturação ou suficiência da análise do instrumento.

Para a entrevista a respeito da compreensão das mulheres sobre a versão traduzida do CAS foi respeitada a rotina de atendimento do Serviço de Atendimento Psicossocial da rede de atenção intersectorial e de trabalho. A rotina de atendimentos ou de trabalho não foi prejudicada, a entrevista com as mulheres participantes implicou apenas em ter um procedimento adicional à

rotina trabalho ou de atendimento dentro do serviço, em sala fechada, primando pela não exposição das participantes da pesquisa.

Além disso, as participantes somente foram incluídas na pesquisa após serem informadas verbalmente sobre o instrumento e os objetivos da pesquisa, posteriormente leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordaram com a pesquisa e assinaram o TCLE.

Após a realização das entrevistas a respeito do entendimento das participantes sobre o instrumento traduzido, foi realizada uma análise dos materiais com conteúdo dessas entrevistas pelas pesquisadoras (es) autoras(es) e discussão sobre a equivalência semântica. Caso a versão não atingisse um nível satisfatório de equivalência, voltaríamos ao estágio 4

ESTÁGIO 6 - Apresentação da versão final do CAS e dos documentos de adaptação transcultural aos desenvolvedores

Apresentação dos resultados e versão final no idioma traduzido. O último passo está sendo a apresentação de todos os relatórios e formulários para a autora do instrumento considerado original em inglês para que possa acessar todas as etapas da pesquisa. Este estágio também apresentará a CAS final traduzida para o português brasileiro e o trabalho final será submetido para publicação. A fim de oportunizar o acesso gratuito ao instrumento.

Considerações finais

O processo para o desenvolvimento de uma tradução é complexo e necessita que os pesquisadores invistam em estratégias para o alcance máximo de equivalência entre o instrumento original e sua versão traduzida, de maneira que, mesmo adaptado a um novo contexto, não haja distorções no que se pretende investigar.

Com este protocolo, esperamos alcançar um processo rigoroso de tradução e adaptação transcultural do CAS para o português brasileiro. De maneira que, além de garantir a qualidade e equivalência do instrumento brasileiro, também sirva como modelo para pesquisadores que queiram realizar estudos similares.

Além disso, este instrumento estará disponível gratuitamente para pesquisadores, aprimorando os estudos sobre VPI no Brasil. Posteriormente, em

estudos futuros, poderíamos também desenvolver um estudo de validação com o CAS traduzido no Brasil.

Ética e divulgação:

Para estudos desta natureza recomenda-se que seja aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CEP) de uma universidade e que os nomes dos participantes da pesquisa sejam protegidos nas publicações.

Os documentos referentes às etapas devem ser compartilhados no relatório final da pesquisa e disponibilizados quando requerido por revistas científicas, comunidade acadêmica ou pelo CEP, protegendo o nome das participantes.

Contribuição dos autores

Raiza Wallace Guimarães da Rocha – Concepção, redação do artigo, rastreamento nas bases de dados sobre protocolos de tradução com enfoque em vítimas de violência por parceiro íntimo.

Daniel Canavese de Oliveira: Redação e revisão do texto.

Marcos Claudio Signorelli: Concepção, redação e revisão do texto.

REFERÊNCIAS

ALHABIB, S.; FEDER, G.; HORWOOD, J. English to Arabic translation of the Composite Abuse Scale (CAS): a multi-method approach. **PLoS One**, v. 8, n. 9, p. e75244, 2013. ISSN 1932-6203. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24086478> >.

ANTONIOU, E. et al. Abuse Assessment Screen (AAS) questionnaire: The Greek validation. *Clinical and Experimental Obstetrics and Gynecology*, v. 37, n. 4, p. 313-316, 2010. ISSN 03906663 (ISSN). Disponível em: < <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-78650280592&partnerID=40&md5=3b1ab82a1b5b74c9fbaf180157750bb5> >.

BRASIL. **Violência Sexual: perfil dos casos notificados em 2014**. Curitiba, 2015. Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba. 10 f. (Texto Digitado).

FÓRUM NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018. FNSP. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2018/>>

HASSELMANN, M.H.; REICHENHEIM, M.E. Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1083-1093, Aug. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000400030&script=sci_abstract&tlng=pt>.

HEGARTY, K.; SHEEHAN, M.; SCHONFELD, C. C. A Multidimensional Definition of Partner Abuse: Development and Preliminary Validation of the Composite Abuse Scale | SpringerLink. 1999. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1022834215681>>

HEGARTY, K. et al. The composite abuse scale: further development and assessment of reliability and validity of a multidimensional partner abuse measure in clinical settings. **Violence Vict**, v. 20, n. 5, p. 529-47, Oct 2005. ISSN 0886-6708 (Print)0886-6708. Disponível em: <<http://dx.doi.org/>>.

MACMILLAN, H. L. et al. Approaches to Screening for Intimate Partner Violence in Health Care Settings: A Randomized Trial. **JAMA**, v. 296, n. 5, p. 530-536, 2018. ISSN 0098-7484. Disponível em: <<https://jamanetwork.com/journals/jama/articlepdf/917065/JOC60094.pdf>>.

MAPI Group. Disponível em: <<https://goo.gl/v1YVzs>>.

SOHAL, H.; ELDRIDGE, S.; FEDER, G. The sensitivity and specificity of four questions (HARK) to identify intimate partner violence: a diagnostic accuracy study in general practice. **BMC Family Practice**, v. 8, n. 1, p. 49, 2007-08-29 2007. ISSN 1471-2296. Disponível em: <<https://bmcfampract.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2296-8-49>>.

SUNDBORG, E. et al. Cross-Cultural Adaptation of an Intimate Partner Violence Questionnaire. **Clinical Nursing Research**, v. 21, n. 4, p. 450-466, 2012b. ISSN 10547738 (ISSN). Disponível em: < <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84867054600&doi=10.1177%2f1054773812436374&partnerID=40&md5=c5a64b0d0898e1e4f9dc88be0b43a9e9> >.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al . Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 44, n. 4, p. 658-666, Aug. 2010 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000400009#.XFTk5Po68mk.>

UMEDA, M.; KAWAKAMI, N. Cross-cultural measurement equivalence of the Japanese version of Revised Conflict Tactics Scales Short Form among Japanese men and women. **Psychiatry Clin Neurosci**, v. 68, n. 11, p. 804-11, Nov 2014. ISSN 1440-1819. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24750322> >.

VIVES CASES, C. et al. [Validation of the Spanish Version of Physician Readiness to Manage Intimate Partner Violence Survey (PREMIS)]. **Rev Esp Salud Publica**, v. 89, n. 2, p. 173-90, Apr 2015. ISSN 2173-9110. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26121627> >.

WANGEL, A.-M.; OUIS, P. Reflections on the Translation Into Arabic and Validation Process of the NorAQ Abuse Questionnaire. 2016/04 2016.

WATHEN, C. N. et al. Who is Identified by Screening for Intimate Partner Violence? **Women's Health Issues**, v. 18, n. 6, p. 423-432, 2008/11/01 2008. ISSN 1878-4321. Disponível em: < <http://www.whijournal.com/article/S1049386708001138/fulltext> >.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015 Disponível em:

<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf
>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2014). **Global status report on violence prevention** 2014. World Health Organization. Disponível em:
< <http://www.who.int/iris/handle/10665/145086>>.

2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

*It's been real hard
Every step of the way
But I believe, I believe
This evenin' my change is come
Yeah, I tell you that
My change is come
(Aretha Franklin, 1967)*

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos nos estágios: 1, 2, 3, 4, 5 e 6 do processo de tradução e adaptação transcultural do instrumento Composite Abuse Scale para o português brasileiro

Todas as reuniões de síntese foram documentadas em documento Excel e Word, apresentando-se uma síntese das discussões, com as modificações sugeridas e as justificativas de quem propôs.

ESTÁGIO 1 - ANÁLISE CONCEITUAL DO INSTRUMENTO

Esta etapa destina-se a elucidar alguns significados, opções de resposta e fornecer orientações para a tradução. Como resultado, a equipe de pesquisa terá uma lista de conceitos para a harmonização de traduções entre países (MAPI, 2018).

Dessa maneira, entramos em contato com a autora da *Composite Abuse Scale*, a fim de obter a autorização para a tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro e perguntar à autora se a mesma possuía recomendações para a tradução ou se tinha exigências a serem realizadas nesse processo. Também realizou-se a apresentação do protocolo metodológico da pesquisa para que a autora tivesse conhecimento.

Este procedimento está de acordo com COSTER e MANCINI (2015); MAPI (2018), que sugerem que este primeiro contato é importante para o processo de tradução e adaptação transcultural. Pois oportuniza averiguar se outra pessoa já não começou uma tradução em seu país e idioma de interesse, além de discutir com o autor as exigências para um acordo de tradução.

A autora do instrumento na língua inglesa não apresentou recomendações prévias para a tradução do instrumento. Autorizou a tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro via e-mail, concordou com o protocolo metodológico, além de se colocar disponível para ser consultada sobre questões ou problemas que viessem a ocorrer durante o processo da pesquisa.

ESTÁGIO 2 - TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.

No Estágio 2 cada tradutor(a) recebeu o convite via e-mail, com anexos contendo: O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE), o Termo de Confidencialidade da pesquisa, o protocolo metodológico da pesquisa e um arquivo no formato Excel contendo quatro colunas, uma com o conteúdo em inglês do instrumento a ser traduzido, duas colunas em branco, a serem preenchidas com as traduções, uma denominada “Tradução para o Português brasileiro – T1” e a outra “Tradução para o Português brasileiro – T2”, sendo a quarta coluna destinada a dúvidas referentes aos termos encontrados no instrumento.

T1 é pesquisador com experiência no desenvolvimento de pesquisas na temática de gênero, tem formação na área da saúde e doutorado. Enquanto que T2 é tradutora e intérprete juramentada em inglês e português e não possui experiência de pesquisa na área de violência de gênero. Esse estágio está em consonância com o formato metodológico proposto nas pesquisas de ANTONIOU, E. et al (2010) e MAPI (2008).

Segundo um estudo publicado por pesquisadoras da MAPI, ACQUADRO et al. (2008), é recomendado que sejam realizadas pelo menos duas traduções dos questionários do idioma de origem para o idioma de destino. E justifica que a ideia de ter o T1 como um especialista na área e T2 como um tradutor “ingênuo”, é produzir traduções feitas por perspectivas diferentes. Uma com a equivalência de medição e outra com equivalência similar a de uma pessoa leiga.

Após conhecerem os objetivos da pesquisa, seu processo metodológico e assinarem os documentos, realizou-se a tradução pelos dois tradutores bilíngues (T1 e T2), de forma independente.

Houveram divergências de tradução nesta etapa, por isso os pesquisadores e supervisores (orientador, orientanda e co-orientador) realizaram

uma reunião para a comparação, análise, síntese entre as duas versões traduzidas e o instrumento original da CAS, havendo a contribuição dos tradutores via e-mail, assim, como resultado desta, obteve-se a primeira versão síntese da CAS em português brasileiro. As reformulações necessárias foram registradas em documento no programa excel.

ESTÁGIO 3 - RETROTRADUÇÃO.

No Estágio 3 foi convidado um tradutor em inglês e português, que não participou da primeira etapa. Esta etapa ocorreu somente com um tradutor.

Este tradutor, que na pesquisa é chamado de R1, recebeu o convite via e-mail, com anexos contendo: O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE), o Termo de Confidencialidade da pesquisa, o protocolo metodológico da pesquisa e um arquivo no formato Excel contendo três colunas. Uma com o conteúdo da versão síntese da tradução, outra chamada Retrotradução para ser preenchida por ele, e outra chamada Comentários e Discussão para que ele preenchesse caso houvessem dúvidas ou sugestões a respeito do conteúdo do instrumento.

R1 enviou a retrotradução com alguns questionamentos para os pesquisadores (orientador, co-orientador e orientanda) sobre palavras que não existiam em português, ou que eram iguais, mas que tinham uma conotação de intensidade diferente em língua inglesa ou neutralidade de gênero no instrumento.

Assim, realizou-se uma reunião entre os pesquisadores e o tradutor para que fosse possível chegar a uma segunda versão consensual do instrumento, obtendo-se a retrotradução para o inglês da tradução.

As principais modificações nesta etapa se deram na modificação de alguns termos, levando em consideração os achados na literatura que dizem que as mulheres que estão em um relacionamento íntimo não acreditam que possam ser estupradas dentro desses relacionamentos ou seja, não associam esse tipo de relação sexual à violência (DANTAS-BERDER, 2005; GOMES e DINIZ, 2008; ACOSTA et al., 2015). Assim, modificamos os itens “Estuprou-me” e “tentou me estuprar” para “Obrigou-me a ter relações sexuais contra a minha vontade” e

“Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade”, respectivamente.

Além disso, acrescentamos ao item “Colocou objetos estranhos na minha vagina” a frase “contra a minha vontade”, para enfatizarmos que é um ato sem o consentimento da pessoa respondente.

Ainda que tenhamos chegado a uma versão consensual, houveram dúvidas nesta etapa que foram necessárias serem compartilhadas com a desenvolvedora do instrumento em inglês. Desta maneira, em uma reunião entre os pesquisadores e a desenvolvedora do instrumento original, foi possível obter a segunda versão da retrotradução.

A seguir os resultados parciais dos estágios 1, 2 e 3 serão apresentados em quadros, onde será possível observar o desenvolvimento dos resultados obtidos até o momento.

Quadro 2 - Versão original do CAS, opções de resposta dos tradutores iniciais, decisão do consenso, retrotradução. Curitiba, PR, 2018.

(1) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK-TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
CAS Standard Version	Versão Padrão EAC	CAS Standard Version	Versão Padrão EAC
Composite Abuse Scale (CAS) - Standard Version	Escala de Abuso Composta (EAC) - Versão Padrão	Composite Abuse Scale (CAS) - Standard Version	Escala de Abuso Composta (EAC) - Versão Padrão
Your relationships	Seus relacionamentos	Your relationships	Seus relacionamentos
In this section we ask about your relationships because it is an important part of your life that may influence your health.	Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.	In this section, there are questions about your relationships, because this is an important part of your life, which may influence your health.	Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.

We ask you about your experiences in adult intimate relationships.	Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas adultas.	We ask about your experiences in intimate adult relationships.	Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas adultas.
By adult intimate relationship we mean husband/wife, partner or boy/girl friend for longer than 1 month.	Por relações íntimas adultas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.	By intimate adult relationships, we refer to male/female spouse, partner or boyfriend/girlfriend for a period longer than one month.	Por relações íntimas adultas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.
1 - Have you ever been in an adult intimate relationship?	1 - Você já teve uma relação íntima adulta?	1 - Have you ever had an intimate adult relationships?	1 - Você já teve uma relação íntima adulta?
(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK-TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
(Since you were 16 years of age)	(Desde os seus 16 anos de idade)	(Since you were 16 years old)	(Desde os seus 16 anos de idade)
() Yes 1 () No 0 (Go to next section)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a próxima seção)	() Yes 1 () No 0 (Go to the next section)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a próxima seção)
2 - Have you been in an adult intimate relationship in the last twelve months?	2 - Você teve alguma relação íntima adulta nos últimos doze meses?	2 - Have you had any adult relationships in the last twelve months?	2 - Você teve alguma relação íntima adulta nos últimos doze meses?
(Since you were 16 years of age)	(Desde os seus 16 anos de idade)	(Since you were 16 years old)	(Desde os seus 16 anos de idade)
() Yes 1 () No 0 (Go to question 6)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a pergunta 6)	() Yes 1 () No 0 (Go to question 6)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a pergunta 6)
3 - Are you currently in an intimate	3 - Você está em uma relação íntima adulta no momento?	3 - Are you in an intimate adult relationship at the	3 - Você está em uma relação íntima adulta no momento?

relationship?		moment?	
() Yes 1 () No 0 (Go to question 5)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a pergunta 5)	() Yes 1 () No 0 (Go to question 5)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a pergunta 5)
4 - Are you currently afraid of your partner?	4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?	4 - Currently, do you fear your male or female partner?	4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?
() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0	() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0
5 - Have you been afraid of any partner in the last 12 months?	5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?	5 - Did you fear your male or female partner in the last 12 months?	5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?
() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0	() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0
(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK- TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
6 - Have you ever been afraid of any partner?	6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?	6 - Have you ever feared any of your male or female partners?	6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?
() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0	() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0
7 - We would like to know if you experienced any of the actions listed below and how often it months, could you please answer for the last partner that you had. Please tick the appropriate box, which matches the	7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor,	7 - We would like to know if you experienced some of the actions listed below and how frequently they occurred in the last twelve months. If you did not have a male or female partner in the last twelve	7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor,

frequency, over a twelve month period, that it happened to you.	responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.	months, please answer the question considering your last male or female partner. Mark with an X the correct option that corresponds to the frequency in which the action occurred with you in the last twelve months.	responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.
(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK-TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
(Please tick one box on each line)	(Por favor, marque uma das opções em cada linha)	(Please, mark one of the options in each line)	(Por favor, marque uma das opções em cada linha)
Actions	Ações	Actions	Ações
How often it happened	Com que frequência ocorreu	How frequently did it occur	Com que frequência ocorreu
My Partner:	Meu parceiro ou parceira:	My male or female partner:	Meu parceiro ou parceira:
Never	Nunca	Never	Nunca
Only Once	Somente uma vez	Only once	Somente uma vez
Several Times	Muitas vezes	Many times	Muitas vezes
Once/Month	Uma vez por mês	Once per month	Uma vez por mês
Once/Week	Uma vez por semana	Once per week	Uma vez por semana
Daily	Diariamente	Daily	Diariamente
Told me that I wasn't good enough	Falou que eu não era boa o suficiente	Said I was not good enough	Falou que eu não era boa o suficiente

(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK- TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
Kept me from medical care	Impediu-me de obter tratamento médico	Prevented me from getting medical care	Impediu-me de obter tratamento médico
(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK- TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
Followed me	Seguiu-me	Followed me	Seguiu-me
Tried to turn my family, friends or children against me	Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim	Tried to put my family, friends or children against me	Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim
Locked me in the bedroom	Trancou-me no quarto	Locked me in the bedroom	Trancou-me no quarto
Slapped me	Deu-me um tapa	Slapped me	Deu-me um tapa
Raped me	Estuprou-me	Raped me	Obrigou-me a ter relações sexuais contra a minha vontade
Told me that I was ugly	Falou que eu era feia	Said I was ugly	Falou que eu era feia
Tried to keep me from seeing or talking to my family	Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família	Tried to prevent me from seeing or talking to my family	Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família
Threw me	Empurrou-me	Threw me	Jogou-me e derrubou- me
Hung around outside my house	Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa	Kept watching me from outside my home	Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa
Blamed me for	Culpou-me por ter	Blamed me for	Culpou-me por ter

causing their violent behaviour	causado seu comportamento violento	causing their violent behavior	causado seu comportamento violento
Harassed me over the telephone	Assediou-me pelo telefone	Harassed me by phone	Assediou-me pelo telefone
(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK-TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
Shook me	Chacoalhou-me	Shook me	Chacoalhou-me
Tried to rape me	Tentou me estupro	Tried to rape me	Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade
Harassed me at work	Assediou-me no trabalho	Harassed me at work	Assediou-me no trabalho
Pushed, grabbed or shoved me	Empurrou-me ou agarrou-me	Shoved me or grabbed me	Estrangulou-me
Used a knife or gun or other weapon	Usou uma faca, um revólver ou outra arma	Used a knife or a gun or another weapon	Usou uma faca, um revólver ou outra arma contra mim
Became upset if dinner/housework was not done when they thought it should be.	Ficou bravo/brava se o jantar ou afazer doméstico não foi feito do modo que ele(a) achava que deveria	Was angry if dinner or another household chore was not performed in the way they felt it should	Ficou bravo/brava se o jantar ou afazer doméstico não foi feito do modo que ele(a) achava que deveria
Told me that I was crazy	Disse-me que era louca	Said I was crazy	Disse-me que era louca
Told me that no one would ever want me	Disse-me que ninguém nunca vai me querer	Said no one would ever want me	Disse-me que ninguém nunca vai me querer
Took my wallet and left me stranded	Pegou a minha carteira e deixou-me sem dinheiro	Took my wallet and left me with no resources	Pegou a minha carteira e deixou-me sem dinheiro
Hit or tried to hit me with something	Bateu ou tentou me bater com alguma	Hit me or tried to hit me with	Bateu ou tentou me bater com alguma

	coisa	something	coisa
Did not want me to socialise with my female friends	Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas	Did not want me to meet up with my friends	Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas
(2) SOURCE TEXT (ST)	(3) RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	(4) BACK TRANSLATION	BACK-TRANSLATION AFTER REVISION OF THE DEVELOPER OF THE ORIGINAL INSTRUMENT
Put foreign objects in my vagina	Colocou objetos estranhos na minha vagina	Put strange objects in my vagina	Colocou objetos estranhos na minha vagina contra a minha vontade
Refused to let me work outside the home	Não deixou que eu trabalhasse fora de casa	Did not let me work outside the home	Não deixou que eu trabalhasse fora de casa
Kicked me, bit me or hit me with a fist	Chutou-me, mordeu-me ou me deu socos	Kicked me, bit me or punched me	Chutou-me, mordeu-me ou me deu socos
Tried to convince my friends, family or children that I was crazy	Tentou convencer meus amigos, família ou filhos(as) que eu era louca	Tried to convince my friends, family or children that I was crazy	Tentou convencer meus amigos, família ou filhos(as) que eu era louca
Told me that I was stupid	Disse-me que era burra	Said I was dumb	Disse-me que era burra
Beat me up	Bateu em mim	Beat me up	Bateu em mim

Fonte: Os autores, 2019

Estágio 4 – Comitê de revisão do documento (especialistas)

Nesse estágio da pesquisa recrutamos via e-mail 12 especialistas com publicações acadêmicas na área de VPI, dos quais 6 recusaram e 6 aceitaram participar da pesquisa.

Às pessoas que aceitaram participar da pesquisa enviamos um e-mail explicando sobre o instrumento para avaliação da CAS na versão brasileira,

sobre a maneira correta de preencher esse documento, sobre a CAS, o público alvo do instrumento e objetivo dele, seguidos do instrumento traduzido, do original, TCLE e Termo de Confidencialidade. O perfil das pessoas que aceitaram participar pode ser lido no quadro 3, abaixo.

Quadro 3 - Perfil dos participantes do Estágio 4: Etapa de Especialistas

Especialista	Gênero	Formação base	Titulação
E1	Mulher	Enfermagem e Filosofia	Pós-doutora em Tecnologia
E2	Mulher	Ciências Com Habilitação Em Matemática	Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos
E3	Homem	Psicologia	Doutorado em Saúde Coletiva
E4	Mulher	Medicina	Doutora em Medicina Preventiva
E5	Mulher	Ciências sociais e políticas	Doutorado em Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas
E6	Mulher	Psicologia	Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde

Fonte: Os autores, 2019.

Como pode-se observar no quadro 3, o perfil de formação das pessoas participantes é diverso. Há especialistas da área da Saúde, Ciências Exatas e Ciências Humanas. Todas possuem a titulação de doutorado e pesquisas na área de violência.

A seguir descreveremos alguns apontamentos das(o) especialistas.

Quadro 4 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS

<p><i>Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas adultas.</i></p>	<p><i>E4 - Se o objetivo do instrumento é “identificar diversos tipos de violência por parceiro íntimo (VPI) e apontar a frequência desta”, porque não dizer Relações Sexuais, simplesmente? O termo relações íntimas não faz parte da linguagem da grande maioria das mulheres que procura ajuda, pode induzir a erro e/ou depender de entrevistador/a para explicar o termo para a pessoa agredida. Essa observação serve para todas as importantíssimas questões, mas que utilizam esse termo.</i></p>
<p>Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas adultas.</p>	<p>E3 - Por que caracterizar como adulta, e não perguntar simplesmente depois dos 16 anos? Adulto soa como madura. E este termo sabemos é ambíguo. Acho que a palavra adulta só atrapalha.</p>

Fonte: Os autores, 2019.

Quatro das seis especialistas problematizaram a palavra relações íntimas e o motivo de não termos utilizado relações sexuais ou relações afetivas sexuais. Sobre relações íntimas adultas, o próprio instrumento explica o que significa: “Por relacionamento íntimo adulto, queremos dizer marido / esposa, parceiro ou namorado por mais de 1 mês. ”

Assim, apesar dos apontamentos das especialistas, não concordamos com a necessidade de modificar o termo *relações íntimas* nesse estágio da pesquisa. Acordamos em esperar que esse questionamento emergisse durante as entrevistas cognitivas, ou seja, para nós era importante que esses apontamentos viessem também das usuárias e profissionais entrevistadas da

Casa da Mulher Brasileira de Curitiba. No entanto, concordamos que era importante tirar o prefixo adulta neste estágio. Já que o instrumento pode ser utilizado por mulheres a partir dos 16 anos e, no Brasil uma mulher só é considerada adulta a partir dos 18 anos.

Utilizamos a idade de 16 anos, como idade mínima para o preenchimento do instrumento, pois nas versões dos demais países esta também é a idade mínima estipulada. Assim, o instrumento Composite Abuse Scale: versão português brasileiro estará dentro dos parâmetros esperados pela comunidade internacional e os estudos realizados com ele poderão ser utilizados em estudos comparativos entre países.

Outra questão problematizada pelas especialistas diz respeito aos tipos de relacionamentos.

Quadro 5 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS

<p><i>Por relações íntimas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.</i></p>	<p><i>E3 - Tratarão só de situações com estes tipos de vínculos? E o poli amor? E o swing? Ou práticas entre amigos? Elas podem durar mais do que um mês e ter violência e não se configurarem assim categorizadas. Podem conter violências e/ou desencadeá-las.</i></p>
--	--

Fonte: Os autores, 2019.

Consideramos importante a reflexão sobre os diversos tipos de vínculos existentes em relações íntimas, no entanto consideramos que o instrumento deve ser preenchido pensando na pessoa que perpetrou a violência e que está há pelo menos um mês tendo relações com a mulher que está preenchendo o instrumento. Dessa maneira, entendemos que, descrever essa pessoa como parceiro/parceira, esposo/esposa, namorado/namorada, não prejudicaria na compreensão e preenchimento do instrumento.

Entendemos que este instrumento apresente esta limitação de discutir os outros vínculos, como o poliamor. Mas esta é uma lacuna que não conseguiremos resolver nesta versão, sendo talvez necessário um outro tipo de pesquisa ou instrumento, que aborde especificamente esta questão.

As especialistas também apresentaram preocupação com a compreensão dos comandos para preenchimento adequado do instrumento. Como podemos verificar abaixo:

Quadro 6 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS

<p><i>(Por favor, marque uma das opções em cada linha)</i></p>	<p><i>E1 – Às vezes as pessoas marcam mais de uma. Percebe-se isso em algumas pesquisas.</i></p> <p><i>E4 – aqui a pessoa pode ficar em dúvida sobre o que fazer, quando e onde. Os termos em negrito confundem mais que explicam; talvez escrever claro: "escreva ao lado quantas vezes aconteceram as ações abaixo"...</i></p>
--	--

Fonte: Os autores, 2019.

Concordamos com as considerações das especialistas e colocaremos esse item em negrito, caixa alta e sublinhado (Por favor, marque **SOMENTE UMA** das opções em cada linha).

Por fim, outra questão que teve destaque foi a crítica à ausência do termo amigo na questão apresentada no quadro abaixo:

Quadro 7 - Sugestões de especialistas à versão brasileira da CAS

<p><i>Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas</i></p> <p><i>L57</i></p>	<p><i>E5 – na versão em português brasileiro pós-revisão da autora é equivalente a versão original em língua inglesa. Porém, não é equivalente à versão em português brasileiro, pois não mantém o sentido da expressão. Neste caso específico, acredito que do ponto de vista das experiências das mulheres, o acréscimo da palavra “amigos” da versão em português brasileiro contribui para a evidencia (ou não) da ocorrência do fenômeno da VPI (o que atende ao item de pertinência “2 - Experimental”).</i></p>
--	--

Fonte: Os autores, 2019.

Optamos por adicionar a palavra *amigos*, por entender que a restrição de contato a qual é imposta pelo perpetrador da violência pode não se restringir a um gênero.

A partir das considerações dos especialistas e reuniões de conciliação entre os pesquisadores e o supervisor, chegamos à versão 3 do instrumento traduzido. Conforme modelo a seguir:

**COMPOSITE ABUSE SCALE: VERSÃO EM PORTUGUÊS
BRASILEIRO.**

SEUS RELACIONAMENTOS:

Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.

Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas. Por relações íntimas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.

1 - Você já teve uma relação íntima?

(Desde os seus 16 anos de idade)

Sim 1 Não 0 (Vá para a próxima pergunta)

2 - Você teve alguma relação íntima nos últimos doze meses?

(Desde os seus 16 anos de idade)

Sim 1 Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 6)

3 - Você está em uma relação íntima no momento?

Sim 1 Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 6)

4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?

Sim 1 Não 0

5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?

Sim 1 Não 0

6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?

Sim 1 Não 0

7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor, responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.

(Por favor, marque **SOMENTE UMA** das opções em cada linha)

AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente

Falou que eu não era boa o suficiente	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Impediu-me de obter tratamento médico	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Seguiu-me	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trancou-me no quarto	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Deu-me um tapa	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obrigou-me a ter relações sexuais contra a minha vontade	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falou que eu era feia	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogou-me e derrubou-me	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Culpou-me por ter causado seu comportamento violento	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Assediou-me pelo telefone, email ou redes sociais.	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chacoalhou-me	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

AÇÕES**COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?**

Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
---------------------------	-------	-----------------	--------------	-----------------	--------------------	-------------

de casa						
Chutou-me, mordeu-me ou me deu socos	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tentou convencer meus amigos(as), família ou filhos(as) que eu era louca	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Disse-me que era burra	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bateu em mim	0	1	2	3	4	5
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Estágio 5 – Entrevista Cognitiva

Segundo Coster e Mancini (2015) nesse estágio realiza-se a aplicação do instrumento traduzido em sujeitos alvo e avalia-se se os itens foram compreendidos como esperado.

Ou seja, o objetivo dessa etapa é assegurar que o significado dado a cada item pela autora do instrumento em inglês, pelos autores do instrumento em português seja o mesmo entendido pela respondente.

Collins (2003) explica que as perguntas dessa etapa, particularmente quando aplicada no contexto do instrumento, permitem determinar se os entrevistados podem compreender o conceito ou tarefa da pergunta e se fazem isso de maneira consistente e, da maneira que o(a) pesquisador(a) pretendia.

Esse estágio foi realizado na Casa da Mulher Brasileira (CMB) da cidade de Curitiba. A CMB integra em um mesmo local serviços especializados para todos os tipos de violência contra a mulher. As mulheres que chegam até a casa, após serem acolhidas e passarem pela triagem, têm disponível serviços como apoio psicossocial, atendimento da delegacia da mulher, Ministério Público, Defensoria Pública, Patrulha Maria da Penha (segurança) e ações de promoção e autonomia econômica.

A estrutura permite que as mulheres que apresentarem demandas para alojamento (geralmente as que estão em risco de morte), fiquem alojadas na

instituição por 48h e podem ficar com seus filhos nesse espaço. Essa estrutura está em conformidade com o Decreto nº 8.086/2013, que apresenta os serviços que a CMB pode dispor.

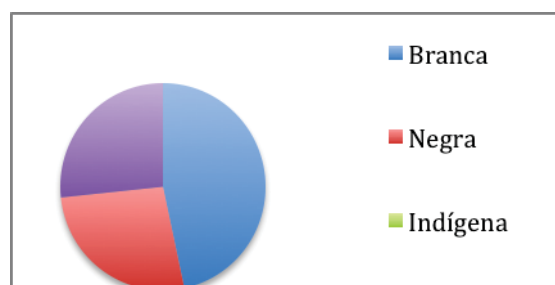
Em Curitiba, as mulheres em situação de violência podem ter acesso à CMB através de busca espontânea ou por encaminhamento de serviços como: Serviços de Saúde, Rede de assistência social, Sistema de Justiça, ligue 180 e sistema de segurança pública.

Nesse estágio realizamos a entrevista com 15 mulheres, dentre elas profissionais e usuárias dos serviços da Casa da Mulher Brasileira. Entrevistamos essas mulheres em uma sala fechada, com privacidade entre a entrevistadora e as respondentes.

Consideramos importante caracterizar o perfil das participantes da pesquisa para que tenhamos compreensão de a partir de qual local de fala essas mulheres responderam à pesquisa.

Quanto à raça ou cor, terminologia utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tivemos 7 participantes brancas, 4 negras, 4 não souberam responder.

GRÁFICO 1 - Representação gráfica da Raça ou Cor das participantes do Estágio V

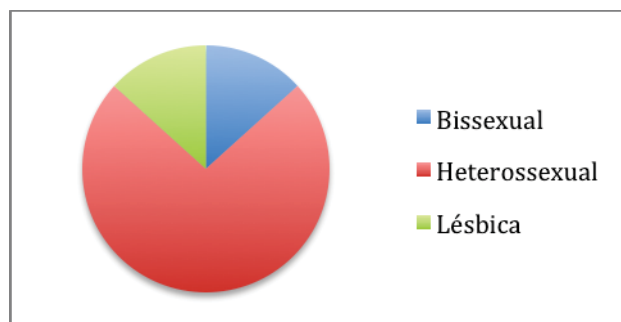


Fonte: Os autores (2019).

No que diz respeito à sexualidade e gênero, tivemos 2 bissexuais, 2 lésbicas e 11 participantes heterossexuais. Todas eram mulheres cissexuais⁵.

GRÁFICO 2 - Representação gráfica a respeito da sexualidade das participantes do Estágio V

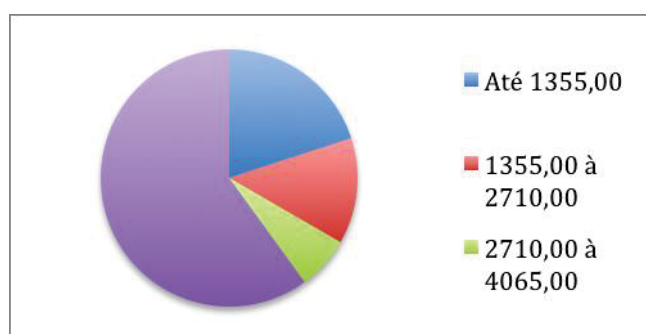
⁵ Cissexualidade é o termo utilizado para se referir às pessoas que, diferentemente de pessoas transexuais, não apresentam divergência entre a percepção que têm de sua própria identidade de gênero e aquela que lhe é atribuída socialmente (NASCIMENTO; PINHEIRO; ROCHA, 2011).



Fonte: Os autores (2019).

Quanto à renda, estipulamos como base o valor do salário mínimo do estado do Paraná, que é R\$1355,00 (Um mil trezentos e cinquenta e cinco reais) (PARANÁ, 2019). Tivemos três participantes em que a renda familiar é de até R\$1355,00; duas com renda entre R\$1355,00 à R\$2710,00; uma com renda familiar entre R\$2710,00 à R\$4065,00 e 9 com renda familiar entre R\$4065,00 ou mais. Oito participantes eram as principais responsáveis pela renda familiar, enquanto que sete não eram.

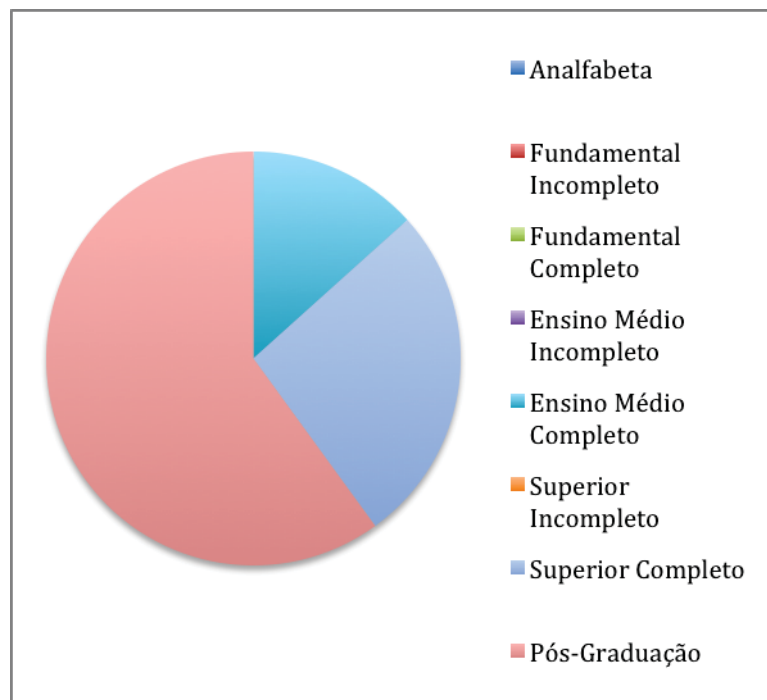
GRÁFICO 3 - Representação gráfica da renda familiar das participantes do Estágio V



Fonte: Os autores (2019).

A respeito da escolaridade das participantes, duas têm o ensino médio completo, quatro possuem ensino superior e 9 pós graduação. A pesquisa não teve participantes com estudos em nível fundamental ou analfabetas.

GRÁFICO 4 - Representação gráfica da escolaridade das participantes do Estágio V da pesquisa



Fonte: Os autores (2019).

Iniciamos a Entrevista Cognitiva falando do que se trata a pesquisa, os objetivos, informando que caso aceite participar precisará preencher o TCLE, o questionário socioeconômico e que a entrevistadora precisará gravar a entrevista. Após o aceite das participantes e o preenchimento dos documentos citados anteriormente, iniciou-se o processo de gravação e a entrega de uma cópia da versão do Composite Abuse Scale pós análise dos especialistas, para que a participante pudesse acompanhar a leitura durante a entrevista.

Entrevistadora:

“Agora irei realizar algumas perguntas à você e irei lhe entregar uma versão para que você acompanhe. O meu objetivo neste momento é identificar se este instrumento está compreensível, se todas as mulheres conseguem interpretá-lo da mesma maneira ou se há discordâncias. Caso não esteja compreensível, gostaria que você realizasse sugestões de modificação.”

Após essa breve explicação, seguimos a entrevista perguntando sobre qual era a compreensão das participantes a respeito do termo relação íntima, já que esse foi um ponto discordante no estágio do comitê dos especialistas.

A compreensão das mulheres a respeito de relação íntima, em geral, era discordante com o conceito utilizado na CAS. Dentre as participantes, uma delas (**P7**) tentou explicar o fator de confusão que este termo gera no Brasil:

“Então, pra mim fica claro, que é uma relação, é um relacionamento, né, mas muitas mulheres vão entender que é uma relação sexual, que você teve alguma relação íntima. Até porque a gente usa esse termo, de forma pejorativa, né, assim, pra não falar a palavra sexo, sexual, enfim...”

Quando perguntado à **P5** o que ela compreende por relação íntima, ela rapidamente responde “*Sexual*”, em consonância com essa resposta, **P13** responde “Sexo”.

Outro exemplo da possível confusão que este termo pode gerar está na fala de **P4**

“Sexual. A impressão que dá, é porque assim, hoje a gente vê é que as pessoas têm muita preocupação com a palavra sexo. Na coisa e tal. Então usa-se, íntima, às vezes, até pra...deixar menos invasivo, né.”

Nesse sentido, percebe-se que a palavra relação íntima, no contexto brasileiro, pode gerar a compreensão de que trata-se apenas de uma relação sexual. O que poderia ocasionar confusão no momento do preenchimento do instrumento.

Realizando uma busca nas bases de dados Scielo, Lilacs, Scopus e Pubmed utilizando a palavra relação íntima e relação sexual, cada uma entre aspas, não encontramos nenhum artigo brasileiro que conceituasse estes termos no contexto brasileiro. No entanto, consideramos pertinentes as considerações realizadas pelas participantes, já que ela se deu em dois estágios desta pesquisa.

Ao seguir com a entrevista, de acordo com a ordem do instrumento, inicia-se a leitura literal das perguntas introdutórias, explicando que gostaríamos de saber o que a respondente entende sobre a aquela pergunta, qual resposta ela acha que espera-se que sejam dadas a partir delas.

Entrevistadora:

“Seus relacionamentos: nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde. Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas. Por relações íntimas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um

período maior que um mês. Qual a compreensão que você tem de relação íntima, a partir do que lemos?”

P11 diz que *“Há, eu penso em primeiro lugar... é sexo. Não necessariamente uma relação íntima como algo que tenha um período que dura, né, você falou num mês, eu entendo como um ato.”*

Quando após a leitura da explicação do que considera-se por relação íntima na pesquisa, perguntamos à **P15** se esse conceito estava compatível com o da mesma. Ela responde *“pra mim, sim, mas foi bem importante você relacionar aqui, porque para muitas mulheres relação íntima é sexual”*

Percebemos que mesmo após a leitura do que consideramos como uma relação íntima, as participantes permaneceram associando ao ato sexual. E mesmo as que, após a leitura do nosso conceito, entenderam que era uma relação de namoro, casamento ou de parceria íntima, ao longo da entrevista associavam a relação íntima ao ato sexual. Como podemos ver nas respostas a seguir:

Entrevistadora: *“Quando eu te pergunto, então: Você já teve uma relação íntima? O quê que tu entende que eu quero saber com essa pergunta?”*

P13 - *É sexual, né, não?*

P4 - *pra mim é uma relação sexual (...) Então, tu entende que essa pergunta leva mais para uma questão sexual?*

P8 - *uma relação íntima você pode ter com uma pessoa que não seja de parceiro, pode ser uma pessoa que você conheceu e foi só aquele momento íntimo que você teve com ela, não necessariamente, você tem para frente algum outro contato. Mais envolvimento sexual mesmo.*

Essa interpretação de relação íntima se deu nas duas perguntas seguintes do instrumento *“2 - Você teve alguma relação íntima nos últimos doze meses?”* e *“3 - Você está em uma relação íntima no momento?”*.

Podemos ver como exemplo a resposta de **P3**, quando solicitamos que respondesse qual era a sua compreensão sobre a pergunta *“Você teve alguma*

relação íntima nos últimos doze meses?” e a mesma respondeu “*se eu fiz sexo nos últimos 12 meses*”.

Diante disso, percebemos que as críticas das participantes desta etapa estavam em consonância com os apontamentos dos especialistas que problematizaram o termo relação íntima para se referir às relações de namorado/namorada, parceiro/parceiro ou esposa/esposo.

Levando em consideração os apontamentos realizados no Estágio do Comitê de Especialistas, perguntamos durante a entrevista se caso mudássemos a pergunta para “*Você já teve um relacionamento afetivo ou conjugal?*”, as participantes achariam que a pergunta estaria relacionada à namoro, casamento ou parceria afetiva duradoura. E elas foram unânimes em responder que sim.

P13 - “*Eu consigo te dizer que sim, eu estou namorando com alguém, algo desse tipo sabe.*”

P4 - “*Nessa pergunta é num tom, assim, diferente, sabe, eu não consigo ver o lado sexual como nas outras. Eu consigo ver como algo tipo, há um namoro.*”

P8 - “*Sim. Só posso pensar nesse enunciado para ver se a pessoa tá numa relação... se tem um parceiro fixo...*”

Outro questionamento realizado pelas participantes se deu no que diz respeito à linguagem do instrumento. A maioria teceu comentários relacionados à importância deste ter uma linguagem mais coloquial, ao invés de utilizar o recurso da ênclise.

P8 expressa isso ao dizer “*como eu falei pra você, pela escrita, pela parte ortográfica está correta, mas a parte de compreensão o ‘me deu um tapa’ é mais forte do que dizer ‘deu-me um tapa’.*”

P4 por sua vez justifica a preferência pela extinção da ênclise no instrumento argumentando que é mais popular: “*Me Deu um tapa, é linguagem popular... é a linguagem que mais as pessoas usam...*”

E **P15** expressa-se referindo que a linguagem do **item 10** do instrumento está ‘estranha’.

“Jogou-me e derrubou-me... tá bem estranho, não, eu sei o que que é (...)”

Quando a entrevistadora perguntou se ela considerava que seria melhor compreensível que o **item 10** fosse “me jogou e me derrubou”, a mesma respondeu da seguinte maneira:

“ Se você estiver falando de uma agressão é... me jogou e me derrubou.”

Algumas participantes também questionaram o item 3 (Seguiu-me), pois acharam que ele não passava a ideia de violência ou poderia gerar um duplo sentido, levando a pensar no termo utilizado nas redes sociais “me seguiu”. Sobre isso **P7** diz *“é de perseguição, assim, nesse sentido. Eu acho que, não sei, colar entre parenteses, ‘perseguição’. Porque elas usam muito esse termo: me persegue, me persegue.”*

Em consonância com essa reflexão, **P8** responde que *“eu acho que me perseguiu é melhor. A partir do momento que digo: está me perseguindo, aí ele tá me incomodando, o seguiu-me, não me incomoda, a palavra, né, não me incomoda. Não tem impacto.”*

Mesmo as que não sugeriram a modificação do termo seguiu-me, quando foram explicar o que compreendiam com esse termo, utilizavam a palavra perseguir para explicar. Por exemplo:

P10 - *o parceiro perseguiu*

P11 - *alguém está me perseguindo*

P14 – *que a pessoa me perseguiu*

No que diz respeito ao item 14 (*Chacoalhou-me*), 11 das 15 participantes consideram que seria melhor se a palavra fosse substituída por “me sacudiu”. Ainda que elas tenham compreendido o que a palavra *Chacoalhou-me* significa.

P6 diz “*Eu acho que me sacudiu. Fica melhor...*”. **P9** também teceu comentários a respeito da palavra chacoalhou-me “*olha tem uma palavra bem estranha: chacoalhou, chacoalhou o quê? Pegou e me chacoalhou...*”. Então ao ser questionada se ela acharia melhor a substituição pelo sinônimo sacudir (me sacudiu), **P9** responde “*eu acho que sim, porque chacoalhar..., o quê que é chacoalhar, sei lá, eu não consigo, chacoalhou-me(...) Então, agora me sacudiu, pô, pera aí, aí é uma agressão.*”

Sobre isso, **P14** refere que “*‘me sacudiu’, acho que qualquer pessoa consegue pegar*”. Provavelmente tentando dizer que a palavra me sacudiu seria acessível à compreensão de pessoas com diversos tipos de escolaridade.

Nos demais itens do instrumento não houveram apontamentos discordantes entre as participantes da pesquisa. A compreensão dos demais itens foi consenso entre elas.

Uma categoria de análise que surgiu na fala de algumas participantes, que optamos por destacar, diz respeito à relevância do instrumento ou se está compatível com a realidade brasileira.

P8 comenta que “*quando elas chegam aqui (Casa da Mulher Brasileira de Curitiba), isso aqui tudo, bem dizer, já ocorreu. Muitas delas, já ocorreu. E ela realmente... ela não se vê. E a partir do momento que ela responder isso aqui, ela vai dizer assim: meu Deus! É isso o que acontece comigo.*” Inferindo que os itens do instrumento estão compatíveis com a realidade das mulheres que procuram pelos serviços da Casa da Mulher Brasileira de Curitiba e que este pode ajudá-las a compreender as situações de violências as quais estão submetidas em suas relações íntimas.

Outra fala que está em consonância com as reflexões anteriores é a da participante **P7**, que diz “*Você já entrevistou vítima de violência? Nossa! tudo aqui... É muito real... é isso mesmo...Disse-me que ninguém nunca vai me querer... Porque eu sou velha, porque eu sou gorda, porque... não sei o quê*”.

Quando perguntamos a respeito do item 2 do instrumento (Impediu-me de obter tratamento médico), **P5** disse “*Assim, isso é muito frequente, os parceiros não permitem que elas frequentem ou façam acompanhamento...*”.

P1 também realizou um comentário que reforça a ideia de que os itens do instrumento estão compatíveis com as realidades das mulheres que frequentam a Casa da Mulher Brasileira, independente do nível de compreensão do que seria

violência *“Nossa gente, você acredita que isso aqui eu ouço muito. Até pessoas empoderadas, as mulheres empoderadas, tá...”*.

Esses comentários emergiram no discurso das participantes da entrevista que são profissionais que trabalham diariamente com mulheres em situação de violências. Assim, consideramos que são relevantes de serem destacados, a fim de explicitar que este instrumento é compatível com o contexto cultural brasileiro, ainda que tenha sido criado em outro país.

No que diz respeito ao design e preenchimento do instrumento algumas participantes elogiaram que este é objetivo e com preenchimento de fácil compreensão. Como podemos perceber na fala da participante **P6** *“Eu acho que está ótimo assim. Bem melhor do que aqueles... é... avaliações, escalas, que eu acho terrível, do escolhe parcialmente, concorda parcialmente. Aqui está bem claro e objetivo”*. A participante nesta fala se refere aos instrumentos que utilizam a Escala de Likert ⁶como método para o preenchimento dos mesmos.

Ainda a respeito do design **P1** comenta que *“Ele está claro e objetivo (o instrumento). O design também está bom. Ele está chamando a atenção lá na parte da classificação, das alternativas... acho que ele está bem claro. Está claro e objetivo, de fácil compreensão.”*

Por outro lado, duas participantes fizeram críticas ao design do instrumento que consideramos importante destacar e incorporar na versão final deste. **P15** faz uma crítica a respeito do espaçamento entre os itens *“eu acho que ficaria melhor mais espessado um pouco. Porque, eu acho que ficou compreensível tá, com as cores, né, diferente para simbolizar as linhas, mas aí deveria deixar um pouco mais espessado, eu acho, para deixar um pouco menos confuso na hora de ler”*.

Já **P10**, em sua crítica ao design, diz que

“Eu acho que deveriam colocar linhas pra direcionar cada coluna... É que eu vi que vocês tentaram colocar com cores, né, mas, olhando assim diretamente, fica um pouco confuso. Eu consigo entender, mas eu tenho que parar e pensar bastante, para poder entender... como que eu vou registrar. Eu acrescentaria como tabela.”

⁶ Uma escala tipo Likert é composta por um conjunto de frases (itens) em relação a cada uma das quais se pede ao sujeito que está sendo avaliado para manifestar o grau de concordância desde o discordo totalmente (nível 1), até ao concordo totalmente (nível 5, 7 ou 11) (CUNHA, 2007).

Ainda que somente duas dentre as 15 participantes desta etapa tenha tecido críticas ao design, percebe-se em suas falas a importância de absorver estas críticas a fim de tornar o instrumento o mais próximo possível do preenchimento intuitivo e de fácil compreensão já que o Composite Abuse Scale é um instrumento para ser autopreenchido pelas mulheres.

De maneira geral, as participantes avaliaram o instrumento como pertinente às questões relacionadas à violência por parceiro(a) íntimo(a).

Assim, após esta etapa, chegamos à versão final do instrumento.

COMPOSITE ABUSE SCALE: VERSÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO.

SEUS RELACIONAMENTOS:

Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.

Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas. Por relações íntimas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.

1 - Você já teve um relacionamento afetivo ou conjugal?

(Desde os seus 16 anos de idade)

Sim 1 Não 0 (Vá para a próxima pergunta)

2 - Você teve algum relacionamento afetivo ou conjugal nos últimos doze meses?

(Desde os seus 16 anos de idade)

Sim 1 Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 6)

3 - Você está em um relacionamento afetivo ou conjugal no momento?

Sim 1 Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 5)

4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?

Sim 1 Não 0

5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?

Sim 1 Não 0

6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?

Sim 1 Não 0

7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor, responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.

(Por favor, marque **SOMENTE UMA** das opções em cada linha)

AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Falou que eu não era boa o suficiente	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me impediu de obter tratamento médico	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me perseguiu	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me trancou no quarto	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me deu um tapa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me obrigou a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Falou que eu era feia	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me jogou e me derrubou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

Me culpou por ter causado seu comportamento violento	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me assediou pelo telefone, email ou redes sociais.	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me sacudiu	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Me estrangulou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me assediou no trabalho	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Usou uma faca, um revólver ou outra arma contra mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Ficou bravo/brava se o jantar ou afazer doméstico não foi feito do modo que ele/ela achava que deveria	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que era louca	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que ninguém nunca vai me querer	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Pegou a minha carteira e me deixou sem dinheiro	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

Bateu ou tentou me bater com alguma coisa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas/amigos	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Colocou objetos estranhos na minha vagina contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Não deixou que eu trabalhasse fora de casa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me chutou, me mordeu ou me deu socos	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou convencer meus amigos(as), família ou filhos(as) que eu era louca	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que era burra	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Bateu em mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo realizar a tradução do instrumento *Composite Abuse Scale* para o português brasileiro. Para isso, a partir das contribuições de diversos autores que também realizaram traduções e adaptações transculturais de instrumentos que identificam violências por parceiros íntimos, desenvolvemos um protocolo de tradução e adaptação transcultural em que fosse possível adquirir uma equivalência idiomática, semântica e experimental.

Acreditamos que ao desenvolver um protocolo de múltiplas etapas conseguimos atingir os objetivos específicos desta pesquisa. Pois este, além de possibilitar uma tradução para o português brasileiro nos permitiu identificar as especificidades culturais e entrevistar mulheres com diferentes perfis socioeconômicos e sexualidades, além de especialistas na área de gênero e tradução. Que puderam apontar os motivos pelos quais não estavam compreendendo os itens ou porque discordavam destes e dar sugestões de modificação para que os mesmos estivessem mais adequados à realidade cultural brasileira e alcançasse as equivalências que objetivamos inicialmente.

Um dos desafios para aplicação desse protocolo se dá no âmbito das pessoas participantes, pois a depender da rede de contatos ou do financiamento que a pesquisa possui, pode ser difícil conseguir tradutores e especialistas para participarem das etapas. Que requerem trabalho minucioso por parte desses profissionais e disponibilidade para discussão e ajustes.

No entanto, ainda que este protocolo tenha sido criado para o desenvolvimento de uma pesquisa com enfoque em violência por parceiro íntimo, julgamos que este tem grande potencial de aplicação a outros tipos de pesquisa. Pois segue as recomendações internacionais encontradas em pesquisas que se propõem a realizar tradução e adaptação transcultural de instrumentos de avaliação ou rastreamento.

No que diz respeito às reflexões que esta pesquisa nos proporcionou, entendemos que o fato de que algumas mulheres que estão dentro de um relacionamento íntimo apresentarem dificuldade para admitir ou identificar que certas situações são violência, torna esse instrumento uma ferramenta muito

importante no seu processo de conscientização e desnaturalização dos atos violentos.

Pois ao apresentar um instrumento que fala a respeito dessas violências através de uma linguagem sutil e que exhibe situações que podem estar relacionadas ao seu cotidiano, pode-se facilitar a identificação das situações de risco as quais as mulheres estão submetidas dentro do seu relacionamento.

Outro ponto a ser destacado é o tempo de preenchimento deste instrumento, que varia entre 5 e 15 minutos. Ou seja, é uma tecnologia que pode ser utilizada em triagens de serviços de atendimento às mulheres, pois possui um tempo curto de preenchimento.

Além de constituir-se como um recurso para o reconhecimento da violência a qual a mulher está sendo submetida, há a possibilidade de tornar-se uma tecnologia de auxílio à tomada de decisão para o enfrentamento da violência por parceiro(a) íntimo(a).

Dentre os desafios deste trabalho está o fato de que dentro da amostra de participantes da entrevista cognitiva não haviam mulheres alfabetizadas sem ensino regular, com ensino fundamental incompleto ou com ensino fundamental completo. Assim, não conseguimos afirmar se ele está linguisticamente acessível às mulheres de todos os níveis de escolaridade.

Ademais, por ter sido desenvolvido com mulheres que moram na região sul, corre-se o risco de que alguns termos não sejam compreensíveis por mulheres de outras regiões do país. Tamanha a diversidade cultural do Brasil.

Nessa pesquisa tivemos dificuldade para encontrar referenciais que nos auxiliassem a discutir a problematização levantada pelo Comitê de Especialistas e participantes da Entrevista Cognitiva no que diz respeito aos termos Relação Íntima e Relação Sexual no contexto brasileiro. Os referenciais encontrados eram de pesquisadores de outros países, que discutiam esses termos em outro contexto cultural, o que nos faz considerar esse fato como uma possível lacuna neste trabalho.

O estágio de Entrevista Cognitiva sugeriu principalmente que a linguagem do instrumento fosse modificada. Que ao invés da utilização do recurso de ênclise no texto, utilizássemos a primeira pessoa do singular, a fim de melhorar a compreensão dos respondentes. Além da modificação dos termos “Chacoalhou-me” e “Seguiu-me”, para os termos “me sacudiu” e “me perseguiu”.

Já o estágio de Comitê de Especialistas teve como uma das principais críticas o fato da utilização do termo relação íntima adulta, principalmente pela palavra adulta, visto que o instrumento pode ser preenchido por pessoas a partir dos 16 anos e no Brasil uma pessoa nessa idade não é considerada adulta. Mas, pensando na potencialidade deste instrumento, de ser utilizado em pesquisas nacionais e internacionais, que objetivem fazer uma comparação multipaíses.

No Estágio de Retrotradução uma das principais modificações foi que modificamos para uma linguagem mais sutil o termo “Estupro”, a fim de que mesmo as mulheres que não acreditam que possam ser estupradas dentro de um relacionamento íntimo, consigam preencher caso tenham se sentido obrigadas a terem relações sexuais contra a sua vontade. Além de identificarmos alguns termos que existiam em inglês, mas não em português. Assim, após discussões com a desenvolvedora do instrumento em inglês, conseguimos acrescentar termos mais semelhantes à nossa realidade.

Acatou-se a maior parte das sugestões realizadas pelas participantes da pesquisa em todas as etapas, adequando o instrumento para melhorar a compreensão sobre seus itens.

Conforme o original, as questões foram agrupadas em 4 eixos: 1) Abuso emocional (11 itens, incluindo verbal e psicológico); 2) Abuso Físico (7 itens); 3) Abuso Combinado Grave (8 itens, incluindo violência sexual); e 4) Assédio (4 itens).

A partir da tradução e adaptação transcultural para o português brasileiro, criamos a versão brasileira da CAS, fomentando a possibilidade de que o Brasil tenha acesso a um instrumento diferenciado dos que já existem no país e que oportunize a sua utilização pelos pesquisadores(as) e serviços brasileiros de atendimento às mulheres em situação de violência por parceiros íntimos.

REFERÊNCIAS

ALEMANY, Carme. Violências. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ACOSTA, D.F., GOMES, V.L.O, FONSECA, A.D., GOMES, G.C. Violência Contra A Mulher Por Parceiro Íntimo: (In) Visibilidade Do Problema. Rev Contexto Enferm, Florianópolis, 2015 Jan-Mar

ACQUADRO, C.; CONWAY, K.; HAREENDRAN, A.; AARONSON, N. Literature Review of Methods to Translate Health-Related Quality of Life Questionnaires for Use in Multinational Clinical Trials. Rev **Value in Health**. V. 11, May–June 2008. Disponível: <https://bit.ly/3588JqF>

ANTONIOU, E. et al. Abuse Assessment Screen (AAS) questionnaire: The Greek validation. *Clinical and Experimental Obstetrics and Gynecology*, v. 37, n. 4, p. 313-316, 2010. ISSN 03906663 (ISSN). Disponível em: < <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-78650280592&partnerID=40&md5=3b1ab82a1b5b74c9fbaf180157750bb5> >.

BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. In.: Estudos Feministas. V.3, N.2, 1995. p. 458-463.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006 [Lei Maria da Penha]. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, 08 ago. 2006, Seção 1, n. 151, p. 01. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm

BUENO, Samira et al. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no brasil – 2ª EDIÇÃO. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>. Acessado em: 10/03/2019

BUENO, Samira et al. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no brasil – 2ª EDIÇÃO. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2019/02/Infogra%CC%81fic-o-vis%C3%ADvel-e-invis%C3%ADvel-2.pdf>. Acessado em: 10/03/2019
Centers for Disease Control and Prevention. The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS) 2010 Summary Report. Washington, DC; 2011.
BELLO, Sandra (2000) In: WERNECK, Jurema et alli (Orgs.) O livro de Saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola.

CERQUEIRA, Daniel et al. Atlas da Violência 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432. Acesado em: 20/07/2018

COSTER WJ, MANCINI MC. Recomendações para a tradução e adaptação transcultural de instrumentos para a pesquisa e a prática em Terapia Ocupacional. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015 jan./abr.;26(1):50-7.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. In: Estudos Feministas, V.10.. 2002-1, p.171- 188.

DANTAS-BERGER, S.M., GIFFIN K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? Cad. Saúde Pública = Rep Public Health. 2005; 21(2):417-25.

DAVIS, A. (2016b). Mulheres, cultura e política, trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

DAVIS, A. (2016b). Mulheres, raça e classe, trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

GLANDER S., LOU M., MICHIELUTTE R., PARSONS L.H.: "The prevalence of Domestic Violence among women seeking abortion". Obstet. Gynecol., 1998, 91, 1002.

GOMES N.P; DINIZ, N.M.F. Homens Desvelando as formas da Violência Conjugal. ACTA PAUL ENFERM. 2008

HEISE L, ELLSBERG M, GARCIA-MORENO C. Intimate partner violence. In: Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JÁ, Zwi AB, Lozano R (eds). World report on violence and health. Geneva: WHO; 2002. p. 91-121.

LIMA, Renato Sérgio de; Bueno, Samira. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Anuario-2019-v6-infogr%C3%A1fico-atualizado.pdf>. Acessado em: 10/03/2019

LUCENA, KDT et al.. Analysis of the cycle of domestic violence against women. J Hum Growth Dev. 26(1): 139-146. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>

MACHADO, RS et al. Métodos de adaptação transcultural de instrumentos na área da enfermagem. Rev Gaúcha Enferm. 2018;39:e2017- 0164. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0164>.

MCFARLANE, J; PARKER, B.; SOEKEN K, BULLOCK, L. Assessing for abuse during pregnancy: severity and frequency of injuries and associated entry into prenatal care. JAMA 1992;267:3176-8.

MORAES, C. L., HASSELMANN, M. H., REICHENHEIM, M. E. Portuguese language cross-cultural adaptation of the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2),

an instrument used to identify violence in couples. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, p. 163-176, 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017>.

MOREIRA, Adilson José. Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica. *Revista de direito brasileira*, v.18, p.393-420, 2017.

MOURA, Leides Barroso Azevedo et al. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 6, p. 944-953, Dec. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000600005&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Oct. 2019. Epub Dec 04, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000069>.

NASCIMENTO DOS SANTOS, T.; PINHEIRO DE ARAUJO, B.; ROCHA RABELLO, L. Percepções de lésbicas e não-lésbicas sobre a possibilidade de aplicação da Lei Maria da Penha em casos de lesbofobia intrafamiliar e doméstica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 11.

PARANA, 2019. Fixa os novos valores do Piso Salarial do Estado do Paraná, válidos a partir de 1º de fevereiro de 2019. <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=215532>.

PARKER B., MCFARLANE, J., SOEKEN, K., TORRES, T., CAMPBELL, D. "Physical and emotional abuse in pregnancy: A comparison of adult and teenage women". *Nursing Res.*, 1993, 42,173.

PERES, Milena Cristina Carneiro et al., Dossiê sobre lesbocídio no Brasil - 2014-2017. Disponível: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>. Acessado em: 10/03/2019

REICHENHEIM, M., MORAES, C. Comparison between the abuse assessment screen and the revised conflict tactics scales for measuring physical violence during pregnancy. *J Epidemiol Community Health* 2004;58:523–527. doi: 10.1136/jech.2003.011742.

REICHENHEIM, Michael E, MORAES, Claudia Leite e HASSELMANNB, Maria Helena. Equivalência semântica da versão em português do instrumento Abuse Assessment Screen para rastrear a violência contra a mulher grávida. *Rev. Saúde Pública*, 34 (6): 610-16, 2000 www.fsp.usp.br/rsp

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo Negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHRAIBER, L. B. et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev. Saúde Pública*. v. 41, n. 5, p. 797-807, 2007. 25.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al. Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. *Rev. Saúde Pública* [online]. 2010, vol.44, n.4, pp.658-666. ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000400009>.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SHERIDAN, L., & DAVIES, G. M. (2001). *Violence and the prior victim–stalker relationship*. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 11(2), 102–116. doi:10.1002/cbm.375.

STRAUS, M. A. Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41, p. 75-88, 1979.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

TGEU. Trans Murder Monitoring Update: 2016. Disponível em <http://tgeu.org/transgender-day-of-visibility2016-trans-murder-monitoring-update/>. Acesso em 30 de maio de 2016.

WERNECK, Jurema. Algumas considerações sobre racismo, sexismo e a tecnogenia. Disponível em http://www.criola.org.br/artigos/artigo_racismo_sexismo.pdf. Acessado em 01/03/2018

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. Geneva, Switzerland: World Health Organization; 2013.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DAS CARACTERÍSTICAS BIOPSIKOSSOCIAIS DAS MULHERES PARTICIPANTES DO ESTÁGIO V DA PESQUISA

Identificação da Participante:		
Codinome:	Código:	Data de Nascimento:
Idade:	Raça/ Etnia:	Religião:
Cidade:	Bairro:	
Nível de Formação: () Analfabeta () Alfabetizada () Fund. Inc. () Fund. Com. () Médio Inc. () Médio Comp. () Sup. Inc. () Sup. Comp. () Pós-graduação.		
Estado Civil: () Solteira () Casada () Divorciada, Desquitada e Separada judicialmente () Viúva () União estável		
Orientação Sexual: () Lésbica () Bissexual () Heterossexual		
Identidade de Gênero: () Transexual () Cissexual		
Ocupação Profissional:		
Condições socioeconômicas e ambientais:		

Renda familiar:

>1.355,00 reais

1.355,00 a 2.710,00 reais

2.710,00 a 4.065,00 reais

< 4065,65 reais

É a principal responsável pela renda familiar? Sim Não

Número de pessoas que moram na casa:

1 a 3 4 a 6 7 a 9 mais de 10

Acompanhamento por instituições da rede de saúde e assistência social:

CRAS CREAS UBS outros: _____

Nenhum

APÊNDICE 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP - UFPR

UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Violência e saúde: desafios e potencialidades da rede de atenção

Pesquisador: Marcos Claudio Signorelli

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 89411818.4.0000.0102

Instituição Proponente: Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.754.448

APÊNDICE 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE CURITIBA - SMS.

SECRETARIA MUNICIPAL DA
SAÚDE DE CURITIBA - SMS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência e saúde: desafios e potencialidades da rede de atenção

Pesquisador: Marcos Claudio Signorelli

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89411818.4.3001.0101

Instituição Proponente: Prefeitura Municipal de Curitiba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.774.361

APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – COMITÊ DE REVISÃO DO DOCUMENTO

Nós, **Marcos Cláudio Signorelli, Daniel Canavese de Oliveira, Amanda de Cassia Azevedo da Silva, Raíza Wallace Guimarães da Rocha, Vera Lúcia Costa da Silva** – da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o(a) Senhor(a), a participar de um estudo intitulado **Violência e Saúde: Desafios e Potencialidades da Rede de Atenção**. Na etapa “comitê de revisão do documento” que faz parte do protocolo de tradução de um instrumento chamado **Composite Abuse Scale**.

a) O objetivo desta etapa da pesquisa é realizar a revisão dos documentos de tradução e adaptação transcultural do instrumento para o português brasileiro do Composite Abuse Scale do inglês para o português brasileiro, a fim de identificar se as traduções e os conceitos utilizados, termos e perguntas são compatíveis culturalmente com a realidade brasileira e se estão condizentes com o instrumento original em inglês, caso não estejam que possam elaborar uma versão mais adequada ou sugerir mudanças de alguns termos.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário assinar o TCLE e o termo de confidencialidade da pesquisa.

c) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado ao constrangimento que alguma das perguntas do questionário possa gerar. Caso isso ocorra, você pode interromper a sua participação na etapa de tradução e adaptação transcultural. E, se necessário, poderá receber acolhimento imediato por parte dos pesquisadores e ser encaminhado ao serviço de psicologia da CMB.

d) Espera-se que você tenha benefícios diretos e indiretos participando da pesquisa, como a partir da análise dos resultados, possa existir desenvolvimento e aprimoramento dos serviços e políticas públicas de saúde voltadas à essa temática. E que venha a ampliar a sua experiência como participante de pesquisas com esse perfil.

e) Espera-se que você realize relatórios das análises que você fizer, participe de uma reunião com outros especialistas e as pesquisadoras(res) para entrar em consenso sobre as traduções e participe da etapa final do projeto, que consistirá em apresentar a versão final do instrumento traduzido e os documentos de registros das etapas.

f) Os pesquisadores **Marcos Cláudio Signorelli, Daniel Cavanese de Oliveira, Amanda de Cassia Azevedo da Silva, Raíza Wallace Guimarães da Rocha, Vera Lúcia Costa da Silva**, responsáveis por este estudo, poderão ser localizados pelos telefones (41) 997758414 e (41) 991011974 (respectivamente), e-mails: signorelli.marcos@gmail.com, daniel.canavese@gmail.com, amandaazevedo@ufpr.com, raizawallace@gmail.com e veraluciaconsultoria@yahoo.com.br (respectivamente), endereço comercial: Rua Pe Camargo, 280, 7 andar – Departamento de Saúde Coletiva (permanência segundas e quartas feiras das 08:00h às 12:30h) ou por telefone celular ou fixo (41) 3360-7279, no horário comercial (08:00 às 17:00h), para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira,

antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

g) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

h) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (coordenador(a) da Casa da Mulher Brasileira ou representante da Secretaria de Saúde do Município, do Estado ou Ministério da Saúde). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade**.

i) O material obtido será utilizado unicamente para essa pesquisa e produções científicas.

j) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você receberá o valor cobrado por você pelos seus serviços de tradução. O dinheiro será oriundo de conta pessoal dos pesquisadores.

k) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

l) Destacamos que você enquanto participante tem o direito de saber os resultados da pesquisa. Isto significa que você a qualquer momento poderá ter acesso às pesquisadoras responsáveis pela pesquisa e solicitar esclarecimento de dúvidas ou fazer recomendações de qualquer tipo relacionadas à pesquisa.

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Contato para envio dos resultados:

m) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim e sem que esta decisão afete meu atendimento. Eu concordo voluntariamente em participar deste

estudo.

Curitiba, ___ de _____ de 20__

Participante do Estudo

Curitiba, ___ de _____ de 20__.

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE

Participante da Pesquisa [rubrica]
 Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica]
 Orientador [rubrica]

APÊNDICE 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA PARTICIPANTES ATENDIDAS NA CASA DA MULHER BRASILEIRA

Nós, Amanda de Cassia Azevedo da Silva, Raíza Wallace Guimarães da Rocha e Vera Lucia Costa da Silva, mestrandas da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação dos professores Doutores Marcos Cláudio Signorelli e Daniel Canavese de Oliveira, convidamos a Senhora à participar de um estudo de pesquisa intitulado “Violência e Saúde: Desafios e Potencialidades da Rede de Atenção”, com o objetivo de analisar os desafios e potencialidades da rede intersectorial de atenção às mulheres vítimas de violência.

Caso você participe voluntariamente da pesquisa, a qual será nossa dissertação de mestrado, será necessário comparecer nas reuniões mensais que ocorrerão entre Julho de 2018 à Abril de 2022 na Casa da Mulher Brasileira de Curitiba, cujo horário a ser definido e informado aos senhores (as) para discussão e debates sobre o tema violência contra as mulheres.

O tempo de duração que esta pesquisa demandará de você, caso seja na etapa V da tradução e adaptação transcultural do instrumento Composite Abuse Scale será entre 15 à 30 minutos. E, caso seja no grupo focal e entrevista semi-estruturada será de...

A sua participação neste estudo é voluntária e se a senhora não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

Como trataremos de tema como a violência doméstica e intrafamiliar, e sobre as questões que levam as mulheres a não realizar a denúncia, talvez você sinta um desconforto para falar sobre o assunto, mas, caso ocorra constrangimento não será obrigatório explanar sobre assuntos que lhe tragam desconforto por menores que sejam.

E, caso ocorra algum efeito adverso em decorrência da sua participação durante a coleta de dados desta pesquisa, será prestado atendimento imediato pelos pesquisadores responsáveis, além de ser realizado encaminhamento ao serviço de psicologia da Casa da Mulher Brasileira. Além disso, você poderá sair da pesquisa a qualquer momento. Sem prejuízos ou constrangimentos.

Com a realização da pesquisa propomos produzir conhecimento e dados que sirvam de apoio para as mulheres vítimas de violência, e que elas consigam denunciar o agressor para romper com o ciclo de violação de direitos, um desafio a ser vencido no Brasil.

O material obtido nas reuniões como o registro da fala do (a) senhor (a), será utilizado unicamente para essa pesquisa, sendo preservadas todas as informações como o nome, endereço, telefone e qualquer outra informação que conste no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Terminada a pesquisa, os resultados que forem publicados não aparecerá seu nome. E ainda, todo material produzido será apresentado até final de Abril de 2022, ou em última reunião realizada com os participantes da pesquisa. Destacamos que você enquanto participante tem o direito de saber os resultados da pesquisa. Isto significa que você a qualquer momento poderá ter acesso às pesquisadoras responsáveis pela pesquisa e solicitar esclarecimento de dúvidas ou fazer recomendações de qualquer tipo relacionadas à pesquisa.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Contato para envio dos resultados:

No caso de qualquer dúvida referente a este estudo, poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por este estudo, poderão ser localizados pelos telefones (41) 997758414 e (41) 991011974 (respectivamente), e-mails: signorelli.marcos@gmail.com, daniel.canavese@gmail.com, amandaazevedo@ufpr.com, raizawallace@gmail.com e veraluciaconsultoria@yahoo.com.br (respectivamente), endereço comercial: Rua Pe Camargo, 280, 7 andar – Departamento de Saúde Coletiva (permanência segundas e quartas feiras das 08:00h às 12:30h) ou por telefone celular ou fixo (41) 3360-7279, no horário comercial (08:00 às 17:00h), para fornecer-lhes as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres

Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim e sem que esta decisão afete meu atendimento. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ___ de _____ de 20__

Participante do Estudo

Curitiba, ___ de _____ de 20__.

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]

APÊNDICE 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA PARTICIPANTES PROFISSIONAIS DA CASA DA MULHER BRASILEIRA

Nós, Amanda de Cassia Azevedo da Silva, Raíza Wallace Guimarães da Rocha e Vera Lucia Costa da Silva, mestrandas da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação dos professores Doutores Marcos Cláudio Signorelli e Daniel Canavese de Oliveira, convidamos o (a) Senhor (a) a participar de um estudo de pesquisa intitulado “Violência e Saúde: Desafios e Potencialidades da Rede de Atenção”, com o objetivo de analisar os desafios e potencialidades da rede intersetorial de atenção às mulheres vítimas de violência.

Caso você participe voluntariamente da pesquisa, a qual será nossa dissertação de mestrado, será necessário comparecer nas reuniões mensais que ocorrerão entre Julho de 2018 à Abril de 2022 na Casa da Mulher Brasileira de Curitiba, cujo horário a ser definido e informado aos senhores (as) para discussão e debates sobre o tema violência contra as mulheres.

A sua participação neste estudo é voluntária e se o (a) senhor (a) não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

Como trataremos de tema como a violência doméstica e intrafamiliar, e sobre as questões que levam as mulheres a não realizar a denúncia, talvez você sinta um desconforto para falar sobre o assunto, mas, caso ocorra constrangimento não será obrigatório explanar sobre assuntos que lhe tragam desconforto por menores que sejam.

E, caso ocorra algum efeito adverso em decorrência da sua participação durante a coleta de dados desta pesquisa, será prestado atendimento imediato pelos pesquisadores responsáveis, além de ser realizado encaminhamento ao serviço de psicologia da Casa da Mulher Brasileira

Com a realização da pesquisa propomos produzir conhecimento e dados que sirvam de apoio para as mulheres vítimas de violência, e que elas consigam denunciar o agressor para romper com o ciclo de violação de direitos, um desafio a ser vencido no Brasil.

O material obtido nas reuniões como o registro da fala do (a) senhor (a), será utilizado unicamente para essa pesquisa, sendo preservadas todas as informações como o nome, endereço, telefone e qualquer outra informação que conste no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Terminada a pesquisa, os resultados que forem publicados não aparecerá seu nome. E ainda, todo material produzido será apresentado até o final de abril de 2022, ou em última reunião realizada com os participantes da pesquisa.

Destacamos que você enquanto participante tem o direito de saber os resultados da pesquisa. Isto significa que você a qualquer momento poderá ter acesso às pesquisadoras responsáveis pela pesquisa e solicitar esclarecimento de dúvidas ou fazer recomendações de qualquer tipo relacionadas à pesquisa.

- () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- () Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Contato para envio dos resultados: _____

No caso de qualquer dúvida referente a este estudo, poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por este estudo, poderão ser localizados pelos telefones (41) 997758414 e (41) 991011974 (respectivamente), e-mails: signorelli.marcos@gmail.com, daniel.canavese@gmail.com, amandaazevedo@ufpr.com, raizawallace@gmail.com e veraluciaconsultoria@yahoo.com.br (respectivamente), endereço comercial: Rua Pe Camargo, 280, 7 andar – Departamento de Saúde Coletiva (permanência segundas e quartas feiras das 08:00h às 12:30h) ou por telefone celular ou fixo (41) 3360-7279, no horário comercial (08:00 às 17:00h), para fornecer-lhes as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos(CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim e sem que esta decisão afete meu atendimento. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ___ de _____ de 20__

Participante do Estudo

Curitiba, ___ de _____ de 20__.

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE

APÊNDICE 7 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARA TRADUTORES DA PESQUISA.

Nós, **Marcos Cláudio Signorelli, Daniel Canavese de Oliveira, Amanda de Cassia Azevedo da Silva, Raíza Wallace Guimarães da Rocha, Vera Lúcia Costa**

da Silva – da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o(a) Senhor(a), a participar de um estudo intitulado **Violência e Saúde: Desafios e Potencialidades da Rede de Atenção**. Na etapa de tradução de um instrumento chamado **Composite Abuse Scale**.

a) O objetivo desta etapa da pesquisa é realizar a tradução e adaptação transcultural do instrumento Composite Abuse Scale do inglês para o português brasileiro.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário assinar o TCLE e o termo de confidencialidade da pesquisa.

c) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado ao constrangimento que alguma das perguntas do questionário possa gerar. Caso isso ocorra, você pode interromper a sua participação na etapa de tradução. E, se necessário, poderá receber acolhimento imediato por parte dos pesquisadores e ser encaminhado ao serviço de psicologia da CMB.

d) Espera-se que você tenha benefícios indiretos participando da pesquisa, como a partir da análise dos resultados, possa existir desenvolvimento e aprimoramento dos serviços e políticas públicas de saúde voltadas à essa temática.

e) Espera-se que você realize relatórios das traduções que você fizer, participe de uma reunião com outro tradutor para entrar em consenso sobre as traduções e participe da etapa final do projeto, que consistirá em apresentar a versão final do instrumento traduzido e os documentos de registro da tradução.

f) Os pesquisadores **Marcos Cláudio Signorelli, Daniel Cavanese de Oliveira, Amanda de Cassia Azevedo da Silva, Raíza Wallace Guimarães da Rocha, Vera Lúcia Costa da Silva**, responsáveis por este estudo, poderão ser localizados pelos telefones (41) 997758414 e (41) 991011974 (respectivamente), e-mails: signorelli.marcos@gmail.com, daniel.canavese@gmail.com, amandaazevedo@ufpr.com, raizawallace@gmail.com e veraluciaconsultoria@yahoo.com.br (respectivamente), endereço comercial: Rua Pe Camargo, 280, 7 andar – Departamento de Saúde Coletiva (permanência segundas e quartas feiras das 08:00h às 12:30h) ou por telefone celular ou fixo (41) 3360-7279, no horário comercial (08:00 às 17:00h), para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

g) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

h) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (coordenador(a) da Casa da Mulher Brasileira ou representante da Secretaria de Saúde do Município, do Estado ou Ministério da Saúde). No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade**.

i) O material obtido será utilizado unicamente para essa pesquisa e produções científicas.

j) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua

responsabilidade e você receberá o valor cobrado por você pelos seus serviços de tradução. O dinheiro será oriundo de conta pessoal dos pesquisadores.

k) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

k) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

l) Destacamos que você enquanto participante tem o direito de saber os resultados da pesquisa. Isto significa que você a qualquer momento poderá ter acesso às pesquisadoras responsáveis pela pesquisa e solicitar esclarecimento de dúvidas ou fazer recomendações de qualquer tipo relacionadas à pesquisa.

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Contato para envio dos resultados:

m) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim e sem que esta decisão afete meu atendimento. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ___ de _____ de 20__

Participante do Estudo

Curitiba, ___ de _____ de 20__.

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE

APÊNDICE 8 - INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO SEMÂNTICA, IDIOMÁTICA E CONCEITUAL DA VERSÃO TRADUZIDA DO CAS POR ESPECIALISTAS.

Prezada Dra _____,

A Sra. foi escolhida para participar do processo de validade de conteúdo do instrumento “Composite Abuse Scale” (CAS) no estudo de sua adaptação transcultural para o português brasileiro. Sua participação será de grande importância para o estudo uma vez que você possui conhecimento técnico, publicações e pesquisas sobre o tema ou sobre metodologia de construção e avaliação de questionários e escalas. Portanto, nosso contato é para fazer-lhe este convite.

O estudo envolvido tem como objetivo adaptar transculturalmente o instrumento “**Composite Abuse Scale**” para a língua portuguesa (Brasil) e avaliar suas qualidades semântico-idiomáticas, experimentais e conceituais. Trata-se de um projeto de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, do Setor de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Paraná.

O instrumento denominado “Composite Abuse Scale” (CAS) foi desenvolvido na Austrália, quando a pesquisadora Dra. Kelsey Hegarty identificou uma carência de instrumentos criteriosos e com sensibilidade abrangente para identificar diversos tipos de violência por parceiro íntimo (VPI) e apontar a frequência desta. Então ela criou a CAS⁷, instrumento que possui quatro dimensões: Abuso combinado severo, Abuso físico, Abuso emocional e Assédio. Que pode ser aplicado considerando o período de até 12 meses, em mulheres a partir dos 16 anos, grávidas ou não grávidas.

As análises da validade e da confiabilidade do CAS original foram posteriormente realizadas utilizando-se uma amostra de 1836 pessoas de vários níveis de formação e mostrou-se uma ferramenta útil para mensurar a VPI.

A relação de itens apresentada a seguir corresponde às versões original, tradução em português e retrotradução 1 e 2 do instrumento Composite Abuse Scale (CAS) desenvolvido e validado por Hegarty, K.; Bush, R. & Sheehan, M., 1998.

⁷ Hegarty K, Fracgp, Bush R, et al. The composite abuse scale: further development and assessment of reliability and validity of a multidimensional partner abuse measure in clinical settings. *Violence Vict* 2005;20(5):529-47.

O instrumento permite a identificação da violência por parceiro íntimo e a frequência desta através de 30 questões pontuadas em uma escala com variação de 0 à 5. Sendo 0 equivalente à nunca, 1 equivalente à uma vez, 2 equivalente à algumas vezes, 3 equivalente à uma vez por mês, 4 equivalente à uma vez por semana, 5 equivalente à diariamente.

As questões foram agrupadas em 4 eixos, sendo que no eixo **Abuso emocional** há 11 itens que incluem abuso verbal, psicológico, de dominância e de isolamento social. O eixo **Abuso Físico** possui 7 itens de abuso físico com nível de gravidade leve, comparado ao eixo de **Abuso Combinado Grave**, que possui 8 itens que representam abusos físicos graves, violência sexual, e aspectos de isolamento físico do abuso emocional. Por fim, há o eixo Assédio, que possui 4 itens que são sobre assédio e comportamento de perseguição.

Destacamos que no presente estudo, para a avaliação das propriedades psicométricas, a versão brasileira do instrumento CAS será avaliada qualitativamente por profissionais e usuárias dos serviços da Casa da Mulher Brasileira de Curitiba.

Assim, solicitamos a sua colaboração na avaliação das equivalências semântico-idiomática, experimental e conceitual dos itens da versão traduzida para o português após o processo de retradução e revisão pela autora da versão original do instrumento.

Cada item do instrumento original possui uma versão na língua inglesa e uma versão retraduzida para a língua portuguesa, seguida de um espaço em branco para pontuação, avaliação e sugestão de modificação.

Deve-se avaliar os itens de maneira individual, aferindo a sua pertinência e se é compreensível, seguindo as seguintes equivalências:

1 – Semântico-idiomática: a tradução do item para a língua portuguesa brasileira mantém o sentido da expressão encontrada na versão original em inglês.

2 – Experimental: as situações evidenciadas nos itens correspondem às situações vivenciadas no contexto cultural brasileiro. Os itens são adequados para que se atinja os objetivos propostos.

3 – Conceitual: as situações apresentadas nos itens são de fácil compreensão pelo que se entende, em diferentes populações do país, sobre o assunto abordado. Os termos utilizados expressam adequadamente o que se espera medir.

Cada item do instrumento deve ser avaliado com as pontuações 1, 2, 3 ou 4: **1** se não for equivalente, **2** se for impossível avaliar a equivalência sem que o item seja revisto, **3** se for equivalente, mas necessita de alterações menores, **4** se for absolutamente equivalente. Caso algum item seja avaliado com equivalência menor que **4**, solicitamos que seja redigida uma avaliação, no espaço designado para, ou que se faça uma sugestão de modificação.

Caso tenha algum comentário a respeito do design do instrumento em português, gostaríamos que você fizesse a gentileza de escrever em arquivo word e enviasse junto com os demais documentos. Alternativamente, caso prefira enviar suas considerações por outros meios (skype ou audios de WhatsApp, caso seja mais fácil), também são formatos válidos para nossa pesquisa.

Solicitamos que a sua avaliação seja entregue à pesquisadora Raíza Wallace Guimarães da Rocha (raizawallace@gmail.com), Dr Daniel Canavese (danielcanavese@gmail.com) e/ou ao pesquisador Dr Marcos Claudio Signorelli (signorelli.marcos@gmail.com).

Gratas(os) pela sua valiosa colaboração. Ficamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Segue tabela de avaliação em planilha excel e modelo da versão em português brasileiro em arquivos anexos. Pedimos também a gentileza de preencher e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com sua concordância em participar desta etapa da pesquisa, bem como o Termo de Confidencialidade dos Dados.

APÊNDICE 9 -TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA PARTICIPANTES DA ETAPA DE TRADUÇÃO E REVISÃO DO DOCUMENTO POR ESPECIALISTAS DO INSTRUMENTO COMPOSITE ABUSE SCALE TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Eu, _____, abaixo assinado, comprometo-me a manter confidencialidade com relação a toda documentação e toda informação obtidas nas atividades e pesquisas a serem desenvolvidas no projeto de pesquisa ***Violência e Saúde: Desafios e Potencialidades da Rede de Atenção***, na etapa de tradução e adaptação transcultural para o português da brasileiro do instrumento Composite Abuse Scale, coordenado pelo professor Dr. Marcos Cláudio Signorelli vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná; ou ainda informações de qualquer pessoa física ou jurídica vinculada de alguma forma a este projeto, concordando em:

- Não divulgar a terceiros a natureza e o conteúdo de qualquer informação que componha ou tenha resultado de atividades técnicas do projeto de pesquisa;
- Não permitir a terceiros o manuseio de qualquer documentação que componha ou tenha resultado de atividades do projeto de pesquisa;
- Não explorar, em benefício próprio, informações e documentos adquiridos através da participação em atividades do projeto de pesquisa;
- Não permitir o uso por outrem de informações e documentos adquiridos através da participação em atividades do projeto de pesquisa.

Declaro ter conhecimento:

- de que as informações e os documentos pertinentes às atividades técnicas do projeto de pesquisa somente podem ser acessados por aqueles que assinaram o Termo de Confidencialidade, excetuando-se os casos em que a quebra de confidencialidade é inerente à atividade ou em que a informação e/ou documentação já for de domínio público.
- de que pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Curitiba, de Janeiro de 2019

Nome:

CPF:

Assinatura:

APÊNDICE 10 - ESTÁGIO 2 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO (T1 E T2).

ID	SOURCE TEXT (ST)	TRANSLATION	COMMENTS & DISCUSSION
1	CAS Standard Version		
2	Composite Abuse Scale (CAS) - Standard Version		
3			
4	Your relationships		
5	In this section, there are questions about your relationships, because this is an important part of your life, which may influence your health.		
6	We ask about your experiences in intimate adult relations.		
7	By intimate adult relations, we refer to male/female spouse, partner or boyfriend/girlfriend for a period longer than one month.		
8	1 - Have you ever had an intimate adult relation?		
9	(Since you were 16 years old)		
10	(<input type="checkbox"/>) Yes 1 (<input type="checkbox"/>) No 0 (Go to the next section)		
11	2 - Have you had any intimate adult relation in the last twelve months?		
12	(Since you were 16 years old)		
13	(<input type="checkbox"/>) Yes 1 (<input type="checkbox"/>) No 0 (

	Go to question 6)		
14	3 - Are you in an intimate adult relation at the moment?		
15	<input type="checkbox"/> Yes 1 <input type="checkbox"/> No 0 (Go to question 5)		
16	4 - Currently, do you fear your male or female partner?		
17	<input type="checkbox"/> Yes 1 <input type="checkbox"/> No 0		
18	5 - Did you fear your male or female partner in the last 12 months?		
19	<input type="checkbox"/> Yes 1 <input type="checkbox"/> No 0		
20	6 - Have you ever feared one of your male or female partners?		
21	<input type="checkbox"/> Yes 1 <input type="checkbox"/> No 0		
22	7 - We would like to know if you experienced some of the actions listed below and how frequently they occurred in the last twelve months. If you did not have a male or female partner in the last twelve months, please answer the question considering your last male or female partner. Mark with an X the correct option that corresponds to the frequency in which the action occurred with you in the last twelve months.		
23			
24	(Please, mark one of the options in each line)		
25	Actions		
26	How frequently did it		

	occur		
27	My male or female partner:		
28	Never		
29	Only once		
30	Many times		
31	Once per month		
32	Once per week		
33	Daily		
34	Said I was not good enough		
35	Prevented me from getting medical treatment		
36	Followed me		
37	Tried to pit my family, friends or children against me		
38	Locked me in the bedroom		
39	Slapped me		
40	Raped me		
41	Said I was ugly		
42	Tried to prevent me from seeing or talking to my family		
43	Shoved me		
44	Kept watching me from outside my home		
45	Blamed me for causing their violent behavior		
46	Harassed me by phone		
47	Shook me		
48	Tried to rape me		
49	Harassed me at work		
50	Shoved me or grabbed me		
51	Used a knife, a handgun or another weapon		
52	Was angry if dinner or		

	another household chore was not performed in the way they felt it should		
53	Said I was crazy		
54	Said no one would ever want me		
55	Took my wallet and left me with no money		
56	Hit me or tried to hit me with something		
57	Did not want me to meet up with my friends		
58	Put strange objects in my vagina		
59	Did not let me work outside the home		
60	Kicked me, bit me or punched me		
61	Tried to convince my friends, family or children that I was crazy		
62	Said I was dumb		
63	Hit me		

APÊNDICE 11 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE SÍNTESE DAS TRADUÇÕES.

ID	T1	T2	RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			
24			
25			
26			
27			
28			
29			
30			
31			
32			
33			
34			
35			
36			
37			
38			
39			
40			
41			

42			
43			
44			
45			
46			
47			
48			
49			
50			
51			
52			
53			
54			
55			
56			
57			
58			
59			
60			
61			
62			
63			

APÊNDICE 12 - ESTÁGIO 3 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE RETROTRADUÇÃO (R1).

ID	SOURCE TEXT (ST)	RECONCILED FORWARD TRANSLATION (RFT)	BACK TRANSLATION	COMMENTS & DISCUSSION
1	CAS Standard Version			
2	Composite Abuse Scale (CAS) - Standard Version			
3				
4	Your relationships			
5	In this section, there are questions about your relationships, because this is an important part of your life, which may influence your health.			
6	We ask about your experiences in intimate adult relations.			
7	By intimate adult relations, we refer to male/female spouse, partner or boyfriend/girlfriend for a period longer than one month.			
8	1 - Have you ever had an intimate adult relation?			
9	(Since you were 16 years old)			
10	() Yes 1 () No 0 (Go to the next section)			
11	2 - Have you had any intimate adult relation			

	in the last twelve months?			
12	(Since you were 16 years old)			
13	() Yes 1 () No 0 (Go to question 6)			
14	3 - Are you in an intimate adult relation at the moment?			
15	() Yes 1 () No 0 (Go to question 5)			
16	4 - Currently, do you fear your male or female partner?			
17	() Yes 1 () No 0			
18	5 - Did you fear your male or female partner in the last 12 months?			
19	() Yes 1 () No 0			
20	6 - Have you ever feared one of your male or female partners?			
21	() Yes 1 () No 0			
22	7 - We would like to know if you experienced some of the actions listed below and how frequently they occurred in the last twelve months. If you did not have a male or female partner in the last twelve months, please answer the question considering your last male or female			

	partner. Mark with an X the correct option that corresponds to the frequency in which the action occurred with you in the last twelve months.			
23				
24	(Please, mark one of the options in each line)			
25	Actions			
26	How frequently did it occur			
27	My male or female partner:			
28	Never			
29	Only once			
30	Many times			
31	Once per month			
32	Once per week			
33	Daily			
34	Said I was not good enough			
35	Prevented me from getting medical treatment			
36	Followed me			
37	Tried to pit my family, friends or children against me			
38	Locked me in the bedroom			
39	Slapped me			
40	Raped me			
41	Said I was ugly			
42	Tried to prevent me from seeing or talking			

	to my family			
43	Shoved me			
44	Kept watching me from outside my home			
45	Blamed me for causing their violent behavior			
46	Harassed me by phone			
47	Shook me			
48	Tried to rape me			
49	Harassed me at work			
50	Shoved me or grabbed me			
51	Used a knife, a handgun or another weapon			
52	Was angry if dinner or another household chore was not performed in the way they felt it should			
53	Said I was crazy			
54	Said no one would ever want me			
55	Took my wallet and left me with no money			
56	Hit me or tried to hit me with something			
57	Did not want me to meet up with my friends			
58	Put strange objects in my vagina			
59	Did not let me work outside the home			
60	Kicked me, bit me or punched me			
61	Tried to convince my friends, family or children that I was			

	crazy			
62	Said I was dumb			
63	Hit me			

APÊNDICE 13 - ESTÁGIO 4 - INSTRUMENTO DE REGISTRO DO PROCESSO DE REVISÃO DO INSTRUMENTO PELO COMITÊ DOS ESPECIALISTAS.

(1) SOURCE TEXT (ST)	VERSÃO EM PORTUGUÊS PÓS-REVISÃO DA AUTORA	PONTUAÇÃO	AVALIAÇÃO	SUGESTÃO DE MODIFICAÇÃO
CAS Standard Version	Versão Padrão EAC			
Composite Abuse Scale (CAS) - Standard Version	Escala de Abuso Composta (EAC) - Versão Padrão			
Your relationships	Seus relacionamentos			
<p>In this section, there are questions about your relationships, because this is an important part of your life, which may influence your health.</p>	<p>Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.</p>			
We ask about your experiences in intimate adult relations.	Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas adultas.			
By intimate adult relations, we refer to male/female spouse, partner or boyfriend/girlfriend for a period longer than one month.	Por relações íntimas adultas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.			
<p>1 - Have you ever had an intimate adult relation?</p>	<p>1 - Você já teve uma relação íntima adulta?</p>			

(Since you were 16 years old)	(Desde os seus 16 anos de idade)			
() Yes 1 () No 0 (Go to the next section)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a próxima seção)			
2 - Have you had any intimate adult relation in the last twelve months?	2 - Você teve alguma relação íntima adulta nos últimos doze meses?			
(Since you were 16 years old)	(Desde os seus 16 anos de idade)			
() Yes 1 () No 0 (Go to question 6)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a pergunta 6)			
3 - Are you in an intimate adult relation at the moment?	3 - Você está em uma relação íntima adulta no momento?			
() Yes 1 () No 0 (Go to question 5)	() Sim 1 () Não 0 (Vá para a pergunta 5)			
4 - Currently, do you fear your male or female partner?	4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?			
() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0			
5 - Did you fear your male or female partner in the last 12 months?	5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?			
() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0			
6 - Have you ever feared one of your male or female partners?	6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?			
() Yes 1 () No 0	() Sim 1 () Não 0			

No 0				
<p>7 - We would like to know if you experienced some of the actions listed below and how frequently they occurred in the last twelve months. If you did not have a male or female partner in the last twelve months, please answer the question considering your last male or female partner. Mark with an X the correct option that corresponds to the frequency in which the action occurred with you in the last twelve months.</p>	<p>7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor, responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.</p>			
(Please, mark one of the options in each line)	(Por favor, marque uma das opções em cada linha)			
Actions	Ações			
How frequently did it occur	Com que frequência ocorreu			
My male or female partner:	Meu parceiro ou parceira:			

Never	Nunca			
Only once	Somente uma vez			
Many times	Muitas vezes			
Once per month	Uma vez por mês			
Once per week	Uma vez por semana			
Daily	Diariamente			
Said I was not good enough	Falou que eu não era boa o suficiente			
Prevented me from getting medical treatment	Impediu-me de obter tratamento médico			
Followed me	Seguiu-me			
Tried to pit my family, friends or children against me	Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim			
Locked me in the bedroom	Trancou-me no quarto			
Slapped me	Deu-me um tapa			
Raped me	Obrigou-me a ter relações sexuais contra a minha vontade			
Said I was ugly	Falou que eu era feia			
Tried to prevent me from seeing or talking to my family	Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família			
Shoved me	Jogou-me e derrubou-me			
Kept watching me from outside my home	Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa			
Blamed me for causing their violent behavior	Culpou-me por ter causado seu comportamento violento			
Harassed me by phone	Assediou-me pelo telefone, email ou redes sociais			

Shook me	Chacoalhou-me			
Tried to rape me	Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade			
Harassed me at work	Assediou-me no trabalho			
Shoved me or grabbed me	Estrangulou-me			
Used a knife, a handgun or another weapon	Usou uma faca, um revólver ou outra arma contra mim			
Was angry if dinner or another household chore was not performed in the way they felt it should	Ficou bravo/brava se o jantar ou afazer doméstico não foi feito do modo que ele(a) achava que deveria			
Said I was crazy	Disse-me que era louca			
Said no one would ever want me	Disse-me que ninguém nunca vai me querer			
Took my wallet and left me with no money	Pegou a minha carteira e deixou-me sem dinheiro			
Hit me or tried to hit me with something	Bateu ou tentou me bater com alguma coisa			
Did not want me to meet up with my friends	Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas			
Put strange objects in my vagina	Colocou objetos estranhos na minha vagina contra a minha vontade			
Did not let me work outside the home	Não deixou que eu trabalhasse fora de casa			
Kicked me, bit me or punched me	Chutou-me, mordeu-me ou me deu socos			
Tried to convince	Tentou convencer			

my friends, family or children that I was crazy	meus amigos, família ou filhos(as) que eu era louca			
Said I was dumb	Disse-me que era burra			
Hit me	Bateu em mim			

APÊNDICE 14 - ESTÁGIO V - INSTRUMENTO UTILIZADO NO PROCESSO DE ENTREVISTA COGNITIVA.

Prezada participante, este instrumento não é para ser preenchido, ele foi entregue à você para que seja possível acompanhar a entrevista através dele e para que você opine sobre o design.

COMPOSITE ABUSE SCALE: VERSÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO.

SEUS RELACIONAMENTOS:

Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.

Perguntamos sobre as suas experiências em relações íntimas. Por relações íntimas, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.

1 - Você já teve uma relação íntima?
(Desde os seus 16 anos de idade)

Sim 1 Não 0 (Vá para a próxima pergunta)

2 - Você teve alguma relação íntima nos últimos doze meses?
(Desde os seus 16 anos de idade)

Sim 1 Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 6)

3 - Você está em uma relação íntima no momento?

Sim 1 Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 5)

4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?

Sim 1 Não 0

5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?

Sim 1 Não 0

6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?

Sim 1 Não 0

7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor, responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.

(Por favor, marque **SOMENTE UMA** das opções em cada linha)

AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Falou que eu não era boa o suficiente	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Impediu-me de obter tratamento médico	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Seguiu-me	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Trancou-me no quarto	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Deu-me um tapa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Obrigou-me a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Falou que eu era feia	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou impedir de ver ou falar com a minha família	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Jogou-me e derrubou-me	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Culpou-me por ter causado seu comportamento violento	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

alguma coisa							
Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas/amigos	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colocou objetos estranhos na minha vagina contra a minha vontade							
	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não deixou que eu trabalhasse fora de casa							
	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chutou-me, mordeu-me ou me deu socos							
	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tentou convencer meus amigos(as), família ou filhos(as) que eu era louca							
	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Disse-me que era burra							
	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bateu em mim							
	0	1	2	3	4	5	
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

APÊNDICE 15 - COMPOSITE ABUSE SCALE – PORTGUÊS BRASILEIRO.

COMPOSITE ABUSE SCALE: VERSÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO.

SEUS RELACIONAMENTOS:

Nesta seção, há perguntas sobre os seus relacionamentos, porque esta é uma parte importante de sua vida, que pode influenciar sua saúde.

Perguntamos sobre as suas experiências em relacionamentos afetivos ou conjugais. Por relacionamentos afetivos ou conjugais, nos referimos a esposo/esposa, parceiro/parceira ou namorado/namorada por um período maior que um mês.

1 - Você já teve um relacionamento afetivo ou conjugal?

(Desde os seus 16 anos de idade)

() Sim 1 () Não 0 (Vá para a próxima pergunta)

2 - Você teve algum relacionamento afetivo ou conjugal nos últimos doze meses?

(Desde os seus 16 anos de idade)

() Sim 1 () Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 6)

3 - Você está em um relacionamento afetivo ou conjugal no momento?

() Sim 1 () Não 0 (Por favor, vá para a pergunta 5)

4 - Atualmente, você tem medo do seu parceiro ou parceira?

() Sim 1 () Não 0

5 - Você teve medo do seu parceiro ou parceira nos últimos 12 meses?

() Sim 1 () Não 0

6 - Você já teve medo de algum parceiro ou parceira?

() Sim 1 () Não 0

7 - Gostaríamos de saber se você vivenciou alguma das ações listadas abaixo e com que frequência elas ocorreram nos últimos doze meses. Se você não teve um parceiro ou parceira nos últimos doze meses, por favor, responda à pergunta considerando o seu último parceiro ou parceira. Marque com um X a opção correta que corresponde à frequência com que a ação ocorreu com você nos últimos doze meses.

(Por favor, marque **SOMENTE UMA** das opções em cada linha)

AÇÕES	COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?					
	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Falou que eu não era boa o suficiente	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me impediu de obter tratamento médico	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me perseguiu	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

Tentou colocar minha família, amigos(as) ou filhos(as) contra mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me trancou no quarto	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me deu um tapa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me obrigou a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Falou que eu era feia	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou me impedir de ver ou falar com a minha família	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me jogou e me derrubou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Ficou me vigiando do lado de fora da minha casa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me culpou por ter causado seu comportamento violento	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me assediou pelo telefone, email ou redes sociais.	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me sacudiu	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Tentou me forçar a ter relações sexuais contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
AÇÕES			COM QUE FREQUÊNCIA OCORREU?			
Meu parceiro ou parceira:	Nunca	Somente uma vez	Muitas vezes	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Diariamente
Me estrangulou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me assediou no trabalho	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Usou uma faca, um revólver ou	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

outra arma contra mim						
Ficou bravo/brava se o jantar ou afazer doméstico não foi feito do modo que ele/ela achava que deveria	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que era louca	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me disse que ninguém nunca vai me querer	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Pegou a minha carteira e me deixou sem dinheiro	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Bateu ou tentou me bater com alguma coisa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Não quis que eu me encontrasse com minhas amigas/amigos	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Colocou objetos estranhos na minha vagina contra a minha vontade	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Não deixou que eu trabalhasse fora de casa	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Me chutou, me mordeu ou me deu socos	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

Tentou convencer meus amigos(as), família ou filhos(as) que eu era louca	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Disse-me que era burra	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
Bateu em mim	0 <input type="checkbox"/>	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>

ANEXO 1 – APROVAÇÃO DE TRABALHO NA 6TH GLOBAL CONFERENCE ON VIOLENCE AGAINST WOMEN

Dear Colleague,

SVRI FORUM 2019: SCIENCE PITCH ACCEPTANCE

The SVRI Forum 2019 Scientific Committee would like to invite you to present your research using a science pitch approach rather than a normal poster presentation for your abstract:

SVF 247 Translation and transcultural adaptation of the composite abuse scale into Brazilian Portuguese
Raiza Wallace Guimaraes da Rocha, M. Signorelli, D. Canavese de Oliveira

Like oral presentations, “science pitch” presentations will be delivered during the main Forum programme. Science pitches will be presented on **Thursday, 24 October, 11h00 – 13h00**

Please confirm who the **presentation author** is, the **title** of your presentation, the **spelling** of your name, and provide **details of your co-authors** (if any).

What is a science pitch presentation?

A science pitch is a concise, well-prepared **4-minute description** of your research / or programme. There are loads of online resources on science pitches (also known as elevator pitches). To assist you to craft your presentation we’ve reviewed and found the following extremely helpful:

- <http://www.nature.com/naturejobs/science/articles/10.1038/nj7435-137a>
- https://www.colorado.edu/postdoctoralaffairs/sites/default/files/attached-files/elevator_pitch_workshop_1-22-18.pdf
- https://medschool.vanderbilt.edu/wp-content/uploads/sites/9/files/public_files/Elevator%20Pitches%20for%20Scientists_Uyen_Q.pdf

ANEXO 3 – APROVAÇÃO DE TRABALHO NO II ENCONTRO DE PESQUISA POR/DE/SOBRE MULHERES.

Gmail - [pesquisamulheres] Resultado da Avaliação

O trabalho intitulado "A Violência Contra Mulheres no Brasil e a Determinação Social da Saúde" foi **APROVADO** no evento II ENCONTRO DE PESQUISA POR/DE/SOBRE MULHERES

- **Título:** A Violência Contra Mulheres no Brasil e a Determinação Social da Saúde
- **Número:** 92697
- **Data de Submissão:** 23/05/2018
- **Modalidade:** Resumo - APRESENTAÇÃO DOS COMUNICADOS CIENTÍFICOS
- **Área Temática:** 10. Violências mal-ditas: Racismo Institucional, Feminicídios e Trans-Lesbo Homofobias
- **Autores:** Amanda de Cassia Azevedo da Silva,Raíza Wallace Guimarães da Rocha,Marcos Claudio Signorelli

Cordialmente,

Comissão Científica

Bárbara Mendonça Bertotti

encontropesquisamulheres@gmail.com

ANEXO 4 – INSTRUMENTO COMPOSITE ABUSE SCALE (CAS) - STANDARD VERSION

Your relationships In this section we ask about your relationships because it is an important part of your life that may influence your health. We ask you about your experiences in adult intimate relationships. By adult intimate relationship we mean husband/wife, partner or boy/girl friend for longer than 1 month.

Have you ever been in an adult intimate relationship? (Since you were 16 years of age)

Yes ()1 No ()0 (Go to next section)

Have you been in an adult intimate relationship in the last twelve months? (Since you were 16 years of age)

Yes ()1 No ()0 (Go to question 6)

Are you currently in an intimate relationship?

Yes ()1 No ()0 (Go to question 5)

Are you currently afraid of your partner?

Yes ()1 No ()0

Have you been afraid of any partner in the last 12 months?

Yes ()1 No ()0

Have you ever been afraid of any partner?

Yes ()1 No ()0

7. We would like to know if you experienced any of the actions listed below and how often it happened during the past twelve months. If you were not with a partner in the past twelve months, could you please answer for the last partner that you had. Please tick the appropriate box, which matches the frequency, over a twelve month period, that it happened to you. (Please tick one box on each line).

Actions	How often it happened					
	Never	Only Once	Several Times	Once/ Month	Once/ Week	Daily
<i>My Partner:</i>						
Told me that I wasn't good enough	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Kept me from medical care	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Followed me	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Tried to turn my family, friends or children against me	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Locked me in the bedroom	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Slapped me	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Raped me	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Told me that I was ugly	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Tried to keep me from seeing or talking to my family	<input type="checkbox"/> ₀	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

Refused to let me work outside the home	<input type="checkbox"/> _0	<input type="checkbox"/> _1	<input type="checkbox"/> _2	<input type="checkbox"/> _3	<input type="checkbox"/> _4	<input type="checkbox"/> _5
Kicked me, bit me or hit me with a fist	<input type="checkbox"/> _0	<input type="checkbox"/> _1	<input type="checkbox"/> _2	<input type="checkbox"/> _3	<input type="checkbox"/> _4	<input type="checkbox"/> _5
Tried to convince my friends, family or children that I was crazy	<input type="checkbox"/> _0	<input type="checkbox"/> _1	<input type="checkbox"/> _2	<input type="checkbox"/> _3	<input type="checkbox"/> _4	<input type="checkbox"/> _5
Told me that I was stupid	<input type="checkbox"/> _0	<input type="checkbox"/> _1	<input type="checkbox"/> _2	<input type="checkbox"/> _3	<input type="checkbox"/> _4	<input type="checkbox"/> _5
Beat me up	<input type="checkbox"/> _0	<input type="checkbox"/> _1	<input type="checkbox"/> _2	<input type="checkbox"/> _3	<input type="checkbox"/> _4	<input type="checkbox"/> _5